



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ADELAINÉ DA PENHA BATISTA

GRAVIDEZ NO PERCURSO ACADÊMICO: DIFICULDADES E DESAFIOS
PARA A PERMANÊNCIA E CONCLUSÃO DO CURSO SUPERIOR NA
UFPA-CAMPUS ALTAMIRA

Altamira, PA
2023

Adelaine da Penha Batista

**GRAVIDEZ NO PERCURSO ACADÊMICO: DIFICULDADES E DESAFIOS
PARA A PERMANÊNCIA E CONCLUSÃO DO CURSO SUPERIOR NA
UFPA-CAMPUS ALTAMIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação, *Campus* Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia.

Professora orientadora: Dr^a. Léia Gonçalves de Freitas

Altamira, PA
2023

**GRAVIDEZ NO PERCURSO ACADÊMICO: DIFICULDADES E DESAFIOS
PARA A PERMANÊNCIA E CONCLUSÃO DO CURSO-CAMPUS ALTAMIRA**

Elaborado por

ADELAINÉ DA PENHA BATISTA

Como requisito para obtenção do grau de

Licenciada em Pedagogia

Apresentado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Léia Gonçalves de Freitas (orientadora)

Prof.^a Dra. Roseane Rabelo Souza Farias (examinador)

Prof. Ms. Marconde Avila Bandeira (examinador)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B333g Batista, Adelaine da Penha.
GRAVIDEZ NO PERCURSO ACADÊMICO : DIFICULDADES
E DESAFIOS PARA A PERMANÊNCIA E CONCLUSÃO DO
CURSO SUPERIOR NA UFPA-CAMPUS
ALTAMIRA / Adeliane da Penha Batista. — 2023.
64 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Léia Gonçalves de Freitas Trabalho de
Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Educação, Altamira, 2023.

1. MÃES ACADÊMICAS. 2. GRAVIDEZ DURANTE A
GRADUAÇÃO. 3. REDE DE APOIO. 4. INCORPORAÇÃO
FEMININA. I. Título.

CDD 378.0082

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha filha, Rubi, foi ela a minha motivação pela escolha do tema. Com ela a minha caminhada se tornou mais árdua, mas se cheguei até aqui também foi pensando nela.

Também dedico *IN MEMORIAM*, de José Augusto de França Batista, meu tio, com quem cresci, e durante muitos anos me acolheu em sua casa, às vezes para trabalhar e por fim, para que eu pudesse estudar. Meu tio, via valor na profissão e no que as pessoas faziam, tenho certeza de que se em vida, mesmo que não tivesse presente nesse momento, ele estaria orgulhoso. Mário Sérgio Cortella em uma vídeo aula depositada em seu canal no YouTube diz que:

Morrer é ser esquecido! Enquanto alguém lembrar de você, derramar uma lágrima de saudade, cheirar uma roupa que você deixou, sentir o aroma de uma comida que você fazia, rir de algo que aconteceu contigo e que foi engraçado, assobiar uma música que você assobiava, você continua vivo! Morrer é ser esquecido. Enquanto alguém lembrar de você, ter saudade de você, der risada por algo, querer que você estivesse junto, guardar uma receita que você deixou, você continua vivo! Claro, porque essa pessoa faz falta e o único jeito de você fazer falta é as pessoas te levarem para dentro delas (CORTELLA, 2022).

O senhor está dentro de mim tio, enquanto eu viver, o senhor não morrerá.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos serão direcionados primeiro a DEUS, pois sem Ele nada disso seria possível. Nesses quatro anos, especificamente foram mais eu e Ele. Aos que acompanharam de perto e aos que estão sabendo agora, o fim dessa jornada só aconteceu porque o Senhor permitiu, muitas vezes eu pensava que seria o fim, mas sempre surgiam providências.

Aos meus pais, José Josino de França Batista e minha mãe Maria da Penha Miranda Pereira, por serem o meu apoio nos momentos mais difíceis. Minha mãe sendo meu alicerce emocional, às vezes me auxiliando com a Rubi e em questões financeiras.

À Universidade Federal do Pará pela oportunidade, sempre tive orgulho de dizer que estudava nessa instituição, a Maior do Norte e terei ainda mais em dizer que me formei aqui.

Agradeço a minha amiga Priscila Moraes, que me acompanha, mesmo que distante desde o ensino médio e teve papel fundamental não apenas na minha vida pessoal, como acadêmica. Ajudou-me desde a habilitação na universidade, sempre me auxiliou nas burocracias e principalmente, muitas vezes acreditou mais em mim do que eu.

Aos professores da Instituição por todo apoio e ensinamento, em especial ao Prof. Renato Pinheiro, pelo apoio que me deu ao saber da minha gravidez e me mostrar que não era o fim. À Prof.^a Raimunda Rodrigues, por simplesmente ser um ser de luz, alguém que trago comigo até hoje e quero levar para sempre. Ao Prof. Msc. Marconde Ávila Bandeira, por iniciar essa pesquisa comigo e por ter me incentivado na minha escrita Acadêmica e por fim, mas não menos especial a minha querida Orientadora Prof.^a Dr.^a Léia Gonçalves de Freitas por aceitar trilhar esse caminho comigo, a senhora foi impecável todo o tempo, eu tenho na senhora mais que uma professora, uma fonte de inspiração. Muito obrigada a todos os citados, vocês sabendo ou não, exerceram papéis fundamentais na minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Agradeço a Rosane Monteiro, colega de sala, de grupos de trabalhos e minha amiga, que infelizmente faleceu antes de realizar o seu sonho de se formar e proporcionar uma vida melhor aos filhos. Rosane era apaixonada pela minha filha e sempre ficava muito feliz com a conquista de todas os colegas de turma, tenho certeza de que assim quando ela soubesse da minha defesa me mandaria mensagem parabenizando e dizendo o tanto que ela acreditava em mim.

E como esse trabalho fala de vivências da maternidade na faculdade, eu não poderia jamais deixar de agradecer por escrito ao Wesley Santos Lambert, ele foi além de um colega de sala, foi um amigo e um apoio essencial para me ajudar com minha filha nos dias em que ela ia para sala de aula, sem ele essa caminhada seria mais difícil.

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi analisar os fatores que dificultam a conciliação da jornada dupla vivenciada pelas Mães Acadêmicas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa onde foram aplicados dois questionários online através da plataforma *Google Forms*, direcionadas para todas as discentes do Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará que se tornaram mães durante a graduação e aos nove gestores das Faculdades que compõem o campus. Ainda, foi realizado estudo bibliográfico sobre o objeto de pesquisa. Os resultados apontaram que a dificuldade de conciliação das múltiplas jornadas das Mães Acadêmicas, se dá sobretudo pela ausência de uma rede de apoio, configurando-se como um desafio para essas mães, tais como a garantia de espaços seguro para as crianças, superar a ausência do pai, realizar os trabalhos em tempo hábil, conseguir um emprego, superar o sentimento de culpa, responsabilizar judicialmente os pais, acionar a ouvidoria da universidade, cumprir os requisitos exigíveis para o exercício domiciliar.

Palavras-chave: Mães Acadêmicas; Gravidez durante a graduação; Rede de apoio; Incorporação feminina.

ABSTRACT

The objective of this research was to analyze the factors that hinder the conciliation of the double journey experienced by Academic Mothers. This is a qualitative research where two online questionnaires were applied through the Google Forms platform, directed to all female students of the University Campus of Altamira, Federal University of Pará who became mothers during graduation and to the nine managers of the Colleges that make up the campus. A bibliographical study was also carried out about the object of the research. The results pointed out that the difficulty in conciliating the multiple journeys of Academic Mothers is mainly due to the absence of a support network, which constitutes a challenge for these mothers, such as the guarantee of safe spaces for the children, overcoming the father's absence, performing the work in a timely manner, getting a job, overcoming the feeling of guilt, holding the parents judicially responsible, contacting the university ombudsman, and complying with the requirements demanded for the home exercise.

Keywords: Academic Mothers; Pregnancy during Graduation; Support Network; Female Incorporation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: CONHECENDO OBJETO DE PESQUISA	12
3 ESTOU GRÁVIDA E AGORA? DESAFIOS DA PERMANÊNCIA E ÊXITO ACADÊMICO NO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA	25
3.1 Incorporação feminina e o atendimento à vulnerabilidade educacional e afetiva na UFPA, Campus Universitário de Altamira	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

A motivação para o tema Gravidez no Ensino Superior surgiu mediante uma questão pessoal, por ser Mãe Solo¹ que marcou um processo de ruptura da realidade, a gravidez no percurso acadêmico. Essa ruptura ocorre porque, majoritariamente, são gravidezes que se dão de forma não planejada. A mulher que até o momento tinha como objetivo principal sua formação, precisou viver o percurso e o dilema da gravidez no contexto acadêmico.

Quando surgiu interesse em abordar esse assunto como objeto de pesquisa, percebi que a literatura sobre o tema é escassa, isso me motivou ainda mais, especialmente por saber que as narrativas da gravidez durante a graduação não eram abordadas, não pela sua inexistência, mas porque é tratada somente como um problema particular da mulher. Com este estudo, cogito dar vozes a essas mães, além de subsidiar futuras pesquisas onde outras vozes ecoam e reverberam no ensino superior visando a criação de estratégias empáticas de acolhimento e encaminhamento pedagógico.

Eu já ingressei na Universidade grávida, porém não sabia, quando eu soube já estava com muitas semanas de gestação. A princípio, o meu pensamento em relação à Universidade, foi desistir. Esse momento foi de muita dor. Eu só não entrei para as estáticas das evasões escolares, por ter o incentivo muito importante do professor que eu estava cursando a disciplina. Liguei-lhe já falando que eu nem iria para a aula dele e desistiria do curso, todavia ele me falou dos meus direitos, elencados pela Lei Federal de n.º 6. 202, de 17 de abril de 1975 (BRASIL, 1975) a qual regulamentou o regime de exercícios domiciliares, instituído pelo Decreto n.º 1.044, de 21 de outubro de 1969 (BRASIL, 1969) cumprido pela UFPA CAMPUS ALTAMIRA, através do Regulamento Acadêmico, SEÇÃO II que trata DO EXERCÍCIO DOMICILIAR, Art. 40 que assevera que à aluna gestante que, por ordem médica, esteja impedida de frequentar as atividades acadêmicas, tem o direito ao atendimento domiciliar. Direitos esses que até o momento desconhecia. Assim,

¹ Em referência ao termo mãe-solteira, historicamente utilizado para identificar as mulheres que criam os filhos sozinhas, a expressão mãe solo tem se popularizado na sociedade atual como uma tentativa de desconstruir a definição pejorativa e relacionada ao estado civil. Por muito tempo, o termo foi tratado sob a visão do controle social nas sociedades patriarcais, na qual a maternidade se apresenta como elemento de subjugação da mulher em relação ao homem. Mudar a forma de se referir a essas mulheres visa, desta maneira, eliminar o preconceito com as genitoras que não têm nenhuma relação com o pai de seus filhos, ou com mães que se separam, ou mães que optaram por serem mães sem necessariamente estar em uma relação conjugal.

Art. 40. Será assegurado, conforme legislação em vigor, exercício domiciliar com vistas ao processo de ensino-aprendizagem, resguardada a qualidade do trabalho acadêmico: a) à aluna gestante que, por ordem médica, esteja impedida de frequentar as atividades acadêmicas.

Ainda no mesmo documento, há seguridade desse atendimento por meio das faculdades, bem como a orientação dos procedimentos a ser seguido pela mãe, como prevê o parágrafo 1º ao 4º:

§ 1º O tratamento excepcional será autorizado pelo Diretor da Faculdade ou Escola, com base em requerimento acompanhado de laudo médico, emitido até quinze dias da ocorrência do fato impeditivo.

§ 2º A concessão de tratamento excepcional ficará condicionada à possibilidade de garantia de continuidade do processo didático-pedagógico.

§ 3º O laudo médico deverá ser homologado pela junta médica da UFPA.

§ 4º A Subunidade deverá informar ao CIAC sobre os discentes em exercício domiciliar.

O artigo 41 e o 42 trata da especificidade:

Art. 41. Para atender às especificidades do exercício domiciliar, os docentes elaboraram um programa especial de estudos a ser cumprido pelo discente, com a especificação de: I - conteúdos a serem estudados; II - metodologias a serem utilizadas; III - tarefas a cumprir; IV - critérios de avaliação; V - prazos para execução das tarefas. Parágrafo único. A orientação do discente será realizada pelos próprios docentes envolvidos no programa especial de estudos.

Após o nascimento do bebê, inicia-se o processo de atividade domiciliar, onde a Mãe Acadêmica² (MA) realiza seus estudos fora da instituição de educação superior, cabendo aos professores tutorear essas atividades e oferecer o suporte necessário.

Nesse sentido, a minha experiência no *Campus Altamira*, não foi uma das mais bem vivenciada na academia, para conseguir a liberação para fazer os exercícios domiciliares não foi uma tarefa difícil, resolvi muito rapidamente com o então diretor da Faculdade, os problemas começaram quando precisei cursar as disciplinas. Os professores não tinham nenhum plano para lidar com a minha situação, eu ficava do começo ao fim das disciplinas procurando como seria resolvida a minha situação, e na maioria das vezes a disciplina se resumia a uma leitura e um trabalho, isso era, quando acontecia. Tive duas disciplinas que os professores simplesmente não quiseram se dar ao trabalho de fazer nada e simplesmente lançaram o meu conceito no sistema.

² Esse termo será amplamente utilizado no decorrer do texto para se referir a essas mulheres que vivenciam múltiplas jornadas, dentre elas a maternidade e a vida universitária, especialmente as participantes da pesquisa, discentes da UFPA *Campus Altamira*.

Outro quadro que me abalou, foi a exigência de um desses professores supracitados de eu comparecer no *Campus*, pois segundo ele, precisava me ver para passar a atividade. Nessa época eu estava exatamente com 28 dias de um pós-parto, me recuperando de uma cesariana³. Achei toda aquela situação um absurdo, eu estava na minha cidade natal, na zona rural, porém, muito fragilizada com tudo que estava acontecendo na minha vida e não procurei a Direção da Faculdade para relatar o ocorrido. Mesmo com as dificuldades de deslocamento fui até o *Campus*, e para minha revolta o professor responsável por tudo aquilo não fez nada além do que me mandar imprimir um texto, que poderia muito bem ter sido enviado por e-mail. Essa situação chegou tardiamente ao conhecimento da Vice-Diretora da época, que disse que em hipótese alguma eu precisaria me deslocar, e pediu desculpas pelo ocorrido em nome da Faculdade.

Além dos meus conceitos terem caído nessa época, meu aprendizado também, o pouco repassado pelos professores para mim era muito, não conseguia pensar para além das minhas dores físicas e psicológicas, naquele momento as leituras e a Normas da ABNT eram mais uma barreira para eu enfrentar e muitas vezes foi o estopim para as minhas crises de choro. A meu ver, faltou empatia do professor em relação ao processo ao qual eu vivenciava, medidas como um telefonema, um vídeo ou simplesmente uma conversa por WhatsApp poderia ser uma sugestão do acompanhamento acadêmico do professor.

Minha filha nasceu e passaram-se os meses, chegando o momento de voltar para a Universidade. O fato de ter uma situação socioeconômica difícil, ser Mãe Solo e minha família ser de outra cidade, triplicou os meus desafios. Na primeira semana de aula eu só consegui ir dois dias da semana: na primeira levei minha filha, mas além de sentir um desconforto por parte do professor, eu e minha filha também ficamos.

Aquela sala não era lugar para um bebê e eu não conseguia prestar atenção na aula, enquanto no meu colo minha filha demandava muito mais atenção. Me observava no dilema entre ser uma boa aluna, ou ser boa mãe. No último dia da semana eu finalmente consegui

³ A cesariana é um procedimento cirúrgico no qual o bebê é retirado do útero da mãe mediante uma incisão no abdômen e no útero. É uma forma alternativa de parto que pode ser necessária quando há complicações no parto vaginal, como atraso no trabalho de parto, sofrimento fetal, posição adquirida do bebê, placenta prévia, entre outros. Durante uma cirurgia cesariana, a mãe é anestesiada e o médico faz uma incisão na região abdominal, geralmente na linha do biquíni. Em seguida, o útero é aberto e o bebê é retirado cuidadosamente, seguido pelo corte do cordão umbilical. Após a retirada do bebê, a equipe médica sutura as incisões no útero e na pele. A recuperação da cesariana pode ser mais demorada do que a do parto vaginal, cuidados especiais e repouso para a mãe. No entanto, em muitos casos, a cesariana pode ser uma opção segura e necessária para garantir a saúde e a segurança da mãe e do bebê.

uma vaga na creche Municipal, foi só um dia de aula para receber a notícia que seria tudo fechado devido ao avanço do novo coronavírus da Covid-19.

Quando se iniciou o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e percebi que aquele seria o “novo normal” comecei a entender tardiamente a situação, eu estava sozinha com duas responsabilidades enormes: a minha filha e a Universidade. Sem o auxílio de creches, me vi obrigada a alterar a rotina para conciliar as demandas da minha filha por cuidado, atenção, interação; à estrutura do ERE, com sala de aula em casa e participação de reuniões assíncrona com ela próximo. No mais, em casa, com as outras responsabilidades domésticas, conciliar essas situações se tornaram uma quebra de braço e eu estava perdendo. Para Bittencourt (2012, p. 231):

As acadêmicas, quando decidem conciliar carreira e maternidade, vivenciam conflitos em incorporar o discurso da produtividade focado na dedicação exclusiva para o fazer acadêmico — elas necessitam de tempo para atender a outras demandas como a família [...].

Vários podem ser os fatores que causam as dificuldades dessas mães — sejam de natureza social, econômica, emocional ou familiar. Uma hipótese levantada, pode ser a falta de uma rede de apoio familiar e institucional para essas discentes. Mediante ao exposto, problematizo sobre as dificuldades e desafios da conciliação entre Universidade e maternidade para essas mulheres, com o objetivo de analisar os fatores que dificultam a conciliação da jornada dupla vivenciada pelas Mães Acadêmicas.

Debater essas questões são pertinentes porque compreendemos que a educação segundo a Constituição Federal brasileira de 1988 (BRASIL, 1988) é fruto de muitas lutas e reivindicação, inclusive do movimento feminista,⁴ estabelece que a educação é um direito social que objetiva a igualdade entre todos e todas. Esse tema foi destaque na Organização das Nações Unidas — ONU em 1980, na II Conferência Mundial da Mulher sob o lema “Educação, Emprego e Saúde” em Copenhague e na IV Conferência Mundial sobre a Mulher com tema central “Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz”, em 1995 na China.

⁴ Esse movimento tem seu marco início na década de 60 nos EUA, diante da luta das mulheres para se libertarem das amarras da cultura machista. Um grande marco histórico do movimento feminista. Um marco histórico, foi o protesto que ficou conhecido como a queima os sutiãs, do qual as mulheres ativistas do movimento Women's Liberation Movement dos EUA, pretendiam colocar fogo em objetos como sutiãs, maquiagens, espartilhos e outros que impunham a indução de uma ditadura da beleza, durante o concurso de Miss American. Em síntese, é um movimento social, político e filosófico que procura direitos iguais entre gêneros, empoderamento feminino.

Essa é considerada um marco importante na história dos direitos das mulheres (ONU MULHER, 1995).

A partir desse e de outros adventos marcados pela luta das mulheres houve um maior acesso delas à educação, porém a divisão sexual dos papéis desempenhados ainda existe. Conforme salienta Wermelinger *et al.* (2010), o número de mulheres egressas nos cursos de graduação é maior que dos homens, as estatísticas mostram que as mulheres são maioria em profissões consideradas “do cuidado”, como enfermagem, psicologia, assistência social, fonoaudiologia, educação, entre outros cursos. Simultaneamente, os homens são maioria nas áreas de exatas e nas chamadas ciências “duras”, particularmente as áreas chamadas STEM (*science, technology, engineering, mathematics* — *ciência, tecnologia, engenharia e matemática*) (WERMELINGER *et al.*, 2010)

A inserção da mulher na escola foi, e ainda é pautada em desafios e preconceitos, mesmo com o decorrer dos séculos. Houve um grande progresso, todavia quando o tema é a gravidez não planejada durante o percurso na educação superior, as lacunas ainda são grandes. Em relação a gravidez não planejada, Prietsch *et al.* (2011) afirmam ser ela toda gestação sem planejamento familiar, seja pelo casal ou pelo menos pela mulher. Por esse motivo, geralmente atrapalha os planos ou rotina do casal/mulher.

Por mais que os estudos acerca do tema sejam poucos, a gravidez não planejada representa um risco com o aumento da depressão e ansiedade. Ainda segundo o autor, foi constatado que pelo menos 80 milhões de mulheres em todo o mundo, têm uma gravidez não planejada, e esse número vem crescendo nas últimas décadas, como apontou dados da pesquisa realizada com as alunas da UFPA, Campus Universitário de Altamira que indicou que das 27 mães acadêmicas ouvidas, somente duas planejaram sua gravidez.

A literatura e as políticas públicas sobre a gravidez no percurso acadêmico são exíguas, mas é impreterível a atenção sociológica, visto que esse tema é uma barreira social. Na sociedade, as dificuldades que a maternidade traz é vista como um fardo que a mãe carrega em silêncio, sem direitos à empatia, tampouco ações afirmativas. É como diz o velho ditado popular “Quem pariu Mateus é que balance”. Nesse imaginário, a obrigação pelos cuidados dos filhos continua sendo somente da mulher, e por vezes precisa arcar sozinha com todo o esforço físico e principalmente psicológico que isso representa (SANTANA, 2012).

A realidade dessas mulheres é invisibilizada e diante de situações se observar a fase obscura do machismo, embora em grau inferior como outrora, ainda se encontra enraizada

dentro da nossa federação nos mais diversos segmentos da vida de uma mulher, desde as paredes de suas próprias casas, ao mercado de trabalho e na vida acadêmica.

A sociedade acaba reforçando esses valores intencionalmente ou mesmo sem perceber por ilustrar mais uma dimensão das realidades marcadas por desigualdades, sempre carregadas de palpitações preconceituosas e excludentes. Nesse viés, reconhece-se que muitas dificuldades vivenciadas por essas mães, são impostas pela sociedade, baseadas na compreensão de que: “[...] o dever de cuidar, educar e acompanhar o crescimento dos/as filhos/as é cultural e historicamente atribuído à mulher” (MESQUITA *et al.*, 2019).

No que se refere a incorporação dessas mulheres na Universidade, entendemos através do apontamento de Schiebinger (2001, p. 37), que “[...] a ciência moderna é um produto de centenas de anos de exclusão das mulheres; o processo de trazer mulheres para a ciência exigiu, e vai continuar a exigir profundas mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdo da ciência”. Ou seja, apesar de as mulheres terem conseguido ocupar esse espaço com o passar dos anos, a Universidade ainda precisa ser pensada de modo a atender as especificidades desse público.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: CONHECENDO OBJETO DE PESQUISA

Essa pesquisa possui uma natureza exploratória, tendo em vista que estas pesquisas pretendem proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Geralmente, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão” (SELLTIZ *et al.*, 1967 apud GIL, 2002, p.41).

O procedimento técnico utilizado nessa pesquisa é o estudo de campo, tendo em vista que conforme os apontamentos de Gil, “a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo”(GIL, 2002, p.53).

Em relação à análise de dados, optamos pela abordagem qualitativa, a partir dos estudos de Gil (2002, p. 41)

Estas pesquisas pretendem proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas visam principalmente o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições[...] essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com. Problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Nesse viés, foi aplicado dois questionários *online* através da plataforma *Google Forms*, o primeiro formulário foi aberto às mães acadêmicas, discentes do Campus Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará, durante o período de 22 de setembro de 2022 até o dia 7 de fevereiro de 2023, com perguntas semiestruturadas, que versavam sobre a identificação de raça/cor, local de residência, perfil socioeconômico e familiar, profissão, o curso de ingresso e dados sobre a assistência à maternidade durante o percurso acadêmico. O segundo foi direcionado aos nove gestores das Faculdades que compõem o Campus, objetivando identificar como a instituição se encarrega das questões relacionadas às mães acadêmicas, o formulário permaneceu com acesso liberado pelo período 20 de dezembro de 2022 até o dia 23 de janeiro de 2023.

Além disso, realizamos um estudo sobre o objeto de pesquisa, por meio do estado do conhecimento a luz de Kohls-Santos e Morisini (2021) que falam sobre essa abordagem, que para conhecer e planejar o seu trabalho como uma reinvenção, é necessário que o pesquisador se aproprie do conhecimento anterior, em outras palavras, o que vem sendo estudado por determinada área ou campo científico, para poder viabilizar e inovar na reinvenção de seu trabalho científico. Nessa perspectiva, uma das alternativas mais aplicadas nas ciências sociais para conhecer sistematicamente a realidade da construção do conhecimento científico de um determinado campo, espaço e tempo, é a partir da realização de pesquisa do tipo Estado do Conhecimento (EC). (KOHLS-SANTOS; MOROSINI, 2021), esse levantamento teórico consistente, segundo Morosini e Fernandes (2014, p. 102) na: “[...] identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo”, congregando para isso periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.

Portanto, deve o pesquisador considerar, nesse processo de construção científica, as influências pessoais, institucionais, temporais, locais e a situação global na qual a produção do conhecimento está sendo construída. Em outras palavras, a produção científica segue regras próprias, segundo as quais pertencem ao campo social e histórico que se relaciona com

forças, lutas e interesses que se revestem de formas específicas (MORISINI; FERNANDES, 2014).

Morosini e Fernandes, (2014) dissertam que Os métodos utilizados no estado do conhecimento, seguem algumas etapas, como: a) análise de textos sobre produção científica, seus princípios, políticas e condicionantes, na perspectiva nacional e internacional; b) identificação da temática da tese ou da dissertação, com clarificação da pergunta de partida e das palavras-chave ligada ao tema; c) leitura e discussão sobre produção científica no plano teórico e no empírico (teses, dissertações, livros, congressos); d) identificação de fontes e constituição do *corpus* de análise. As demais etapas desse processo também envolvem: a leitura do *corpus* de análise, para a identificação dos textos; depois, a construção da bibliografia anotada e da sistematização dos dados; e a terceira fase se constitui por levantamento das temáticas ou marcadores encontrados no *corpus* e redação dos textos, seguindo as normas de produção do trabalho científico desejado.

Para as autoras, esses cuidados e tratamentos metodológicos são necessários quando se aspira organizar periodicamente informações de pesquisas já realizadas. Desse modo, para qualificar o estado do conhecimento, é preciso seguir alguns procedimentos: a) localização dos bancos de pesquisas, teses e dissertações; b) definição dos descritores para direcionar as buscas a serem realizadas; c) estabelecimento de critérios para a seleção do material que compôs o *corpus* do estado do conhecimento; d) levantamento de teses e dissertações catalogadas; e) leitura das publicações, considerando o tema, os objetivos, problemas e conclusões (MOROSINI; FERNANDES, 2014).

Dado essas definições, esses métodos foram seguidos aqui para demarcar o escopo da produção científica sobre a gravidez durante a Graduação, nos anos de 2013 a 2022. Assim, para essa produção foi eleito o Portal de Periódicos da Capes para a realização do levantamento, por ser um banco de dados, que “constitui, atualmente, um dos maiores acervos mundiais nesse setor, reunindo as melhores publicações do mundo, o que equipara o Brasil aos países centrais no que se refere ao acesso à informação científica de qualidade” (DE ALMEIDA; GUIMARÃES; ALVES, 2010, p. 220). Realizada essa definição espacial e temporal e a escolha do banco de dados, foi utilizado os descritores: “gravidez *AND* Universidade”, “Maternidade *AND* Ensino Superior”, “Graduação *AND* Gestação”

Após esse levantamento dos dados, foi realizada a leitura dos resumos dos trabalhos e dos resultados da pesquisa, cujos objetivos trataram do objetivo de estudo desse texto no Quadro 1, síntese da pesquisa realizada.

Quadro 1 - Síntese da Pesquisa realizada

Localização	Autor	Título	Objetivo(s)	Lócus da pesquisa e sujeitos	Resultado(s)	Tipo	Local	Ano
a)	SILVA (2021)	Mães e universitárias: contribuições de projeto assistencial para a permanência na universidade	O artigo versa sobre as contribuições de um projeto assistencial para a permanência de mães universitárias no Ensino Superior em uma instituição de ensino pública federal do Nordeste brasileiro.	O mesmo foi desenvolvido numa brinquedoteca universitária por 12 meses. Foram sujeitos de pesquisa as 14 mães atendidas no projeto.	Dentre os resultados, destaca-se que a avaliação do projeto pelas mães foi apontada como satisfatória, havendo o reconhecimento do mesmo como um mecanismo de permanência dessas mães na vida acadêmica. Na oportunidade, identificou-se o sentimento de confiança das mães no trabalho desenvolvido, que se manifestou pela indicação, por todas as pesquisadas do projeto relatado, a outras pessoas na mesma condição que elas.	ARTIGO	REVISTA	2021

Localização	Autor	Título	Objetivo(s)	Lócus da pesquisa e sujeitos	Resultado(s)	Tipo	Local	Ano
b)	GONÇALVES; TERNOVOE (2017)	Desafios Vivenciados por Mulheres Universitárias de Mato Grosso do Sul, sendo Mães, Profissionais e Donas de Casa	O objetivo do estudo é investigar os desafios vivenciados por mulheres universitárias que também desempenham as funções de donas de casa, mães e profissionais.	A pesquisa de campo, de natureza qualitativa, foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com 5 (cinco) mulheres, com idade entre 23 a 34 anos, estudantes de cursos de licenciatura.	Percebe-se que, apesar das dificuldades e algumas renúncias, as mulheres universitárias conseguem desempenhar suas atividades acadêmicas, evidenciando que não buscam a realização somente para benefício próprio, mas, principalmente, para garantir o conforto de sua família.	ARTIGO	REVISTA	2017
c)	VIEIRA (2018)	Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática	O objetivo desta pesquisa foi compreender os desafios e que tipo de apoio social estudantes universitárias têm no seu dia a dia para conseguir concluir a graduação, tendo que conciliar a maternidade e a vida universitária.	Trata-se de uma revisão sistemática, sendo o corpus artigos científicos identificados no Banco de Dados da Capes, utilizando-se os descritores gravidez and estudante universitária; mães and universitárias, sendo selecionados cinco artigos publicados entre os anos de 2009 a 2018.	O auxílio da família, com a existência de creches universitárias, são alternativas de apoio emocional e estrutural para que as mães acadêmicas concluam a graduação. Conclui-se que as mulheres que se tornam mães durante a graduação estão mais propensas à desistência do curso.	TCC	REVISTA	2018

Localização	Autor	Título	Objetivo(s)	Lócus da pesquisa e sujeitos	Resultado(s)	Tipo	Local	Ano
d)	BRITO <i>et al.</i> (2021)	Maternidade, paternidade e vida acadêmica: impactos e percepções de mães e pais estudantes de medicina	Este estudo teve como objetivos avaliar o impacto da maternidade/paternidade e no rendimento acadêmico de estudantes de Medicina, e analisar as principais percepções, motivações e desafios deles durante a formação médica.	Trata-se de um estudo transversal, quantitativo de abordagem descritiva e analítica que avaliou o perfil e as percepções de 85 mães/pais estudantes de Medicina em todo o país.	Os estudantes possuem clareza e não se arrependem de suas escolhas pessoais (93%), têm orgulho de ser mãe/pai universitários (93%) e ressaltam a importância e essencialidade da rede de apoio (88%). Ao serem questionados quanto ao rendimento acadêmico, as mães e os pais estudantes de Medicina expressaram limitação na compatibilidade dos afazeres e responsabilidades pessoais e profissionais (42%) e relataram que as obrigações parentais comprometem o rendimento no curso de Medicina (53%). Neste âmbito, porém, nossos dados apontam para um rendimento acadêmico de mães e pais similar aos de estudantes sem filhos.	ARTIGO	REVISTA	2021

Localização	Autor	Título	Objetivo(s)	Lócus da pesquisa e sujeitos	Resultado(s)	Tipo	Local	Ano
e)	SILVA <i>et al.</i> (2013)	Expectativas e desafios de mulheres acadêmicas de enfermagem que engravidaram durante a graduação	Identificar possíveis desafios encontrados por mulheres acadêmicas de Enfermagem que engravidaram durante o curso.	O material empírico foi coletado no mês de maio de 2012 através da aplicação de uma entrevista semiestruturada em uma faculdade privada do município de Campina Grande com seis acadêmicas de enfermagem.	Os resultados apontam para a expressão de diversos sentimentos que acometem as mulheres que engravidam durante o período acadêmico tais, como ansiedade, medo, angústia, além de conciliar os desafios da vida acadêmica com a criação do filho. Ao final desse estudo, foi possível perceber que há desafios na vida da mulher contemporânea que decide assumir mais de uma função, tais como ser mãe, estudante e ainda trabalhar.	ARTIGO	REVISTA	2013

Localização	Autor	Título	Objetivo(s)	Lócus da pesquisa e sujeitos	Resultado(s)	Tipo	Local	Ano
f)	BITENCOURT (2019)	A MATERNIDADE PARA UM CUIDADO DE SI: DESAFIOS PARA A CONSTRUÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO	Este trabalho planeja identificar como as mulheres universitárias lidam com a maternidade e a construção da carreira durante a fase da graduação.	Realizou-se trabalho de campo em dois cursos de graduação sendo realizadas dez entrevistas semiestruturadas com estudantes em caráter de profundidade.	Os resultados mostraram que a maioria das mães apresenta dificuldades em conciliar maternidade e estudos, algumas tiveram que desistir por não contar com uma rede de apoio, assim como não há políticas públicas que reconheçam a participação da mulher mãe nas universidades brasileiras.	ARTIGO	REVISTA	2019

Localização	Autor	Título	Objetivo(s)	Lócus da pesquisa e sujeitos	Resultado(s)	Tipo	Local	Ano
g)	PONTES <i>et al.</i> (2022)	Transição para a maternidade na trajetória acadêmica: estratégias de reparação dinâmica do self e de resistência no campo social de jovens universitárias	Analisar as estratégias de reparação dinâmica do self e de resistência no campo social construídas por jovens universitárias que inesperadamente engravidaram durante suas trajetórias acadêmicas.	É apresentado um estudo de caso construído por entrevista narrativa, de uma jovem que passou por uma gravidez não planejada durante a graduação.	A análise do caso revela que a gravidez não planejada foi experienciada pela jovem entrevistada como um evento disruptivo que, junto a um restrito apoio social e institucional, implicou em significativos desafios para conciliar distintas demandas, colocando em risco a sua saúde mental. Nesse cenário de complexas demandas desenvolvimentais, intensos deverão ser os esforços com o intuito de reparação dinâmica do self e de resistência para a permanência na universidade.	ARTIGO	DOSSIÊ	2022

Localização	Autor	Título	Objetivo(s)	Lócus da pesquisa e sujeitos	Resultado(s)	Tipo	Local	Ano
h)	SALGADO (2019)	QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES COM TRIPLA JORNADA: MÃES, ESTUDANTES E PROFISSIONAIS	O trajeto deste trabalho voltou-se para a compreensão da qualidade de vida de mulheres com tripla jornada (mães, estudantes e profissionais) ao conciliar vida profissional, maternidade e vida acadêmica, além das demais atividades do cotidiano.	O estudo de campo foi realizado com 23 mulheres do curso de psicologia da PUC-BETIM, mães e profissionais de diversas áreas.	O estudo mostrou que apesar de o conceito de qualidade de vida ser extremamente subjetivo e internamente particular, nenhuma das entrevistadas encontra-se com escore acima de 67,4% no total esperado, considerando que quanto mais próximo de 100% maior satisfação.	ARTIGO	REVISTA	2019
i)	SILVA; GUEDES (2020)	Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública	Objetiva analisar de que forma a maternidade repercute na vivência acadêmica de graduadas que são mães, bem como evidenciar se as relações desiguais de gênero influenciam a realização da graduação por essas estudantes.	Os sujeitos da pesquisa são mães de uma universidade pública federal.	Os resultados apontam para o protagonismo dos estudantes nos processos reivindicatórios perante a desresponsabilização do poder público e o papel das redes sociais em sua organização política, por meio do chamado ciberativismo.	ARTIGO	REVISTA	2020

Fonte: A autora (2023)

Após análise mais detalhada do estado do conhecimento, apontamos que os autores em foco percebem a situação das mães acadêmicas de maneira particularizada, a saber:

- a) Silva (2021), discute com mais propriedade o projeto de natureza assistencial executada em uma brinquedoteca Universitária, no *Campus* de uma Instituição de Ensino Superior Pública no Nordeste brasileiro. Nesse termo, a autora aponta que as medidas adotadas no projeto contribuem para a permanência das mães na academia, sendo também elo de confiança entre professores, aluno e universidade;
- b) As autoras Gonçalves e Ternovoe (2017), investigam os desafios de mulheres Estudantes dos Cursos de Ciências Sociais e Pedagogia da UFMS/CPNV, que desempenham várias funções. Apontam, que embora haja renúncias e adversidades, elas conseguem êxito desempenhando as suas funções e evidenciam, que não buscam a realização somente para benefício próprio, mas, para o bem familiar. Nesse sentido, os relatos das entrevistas trazidos pelas autoras afirmam que as mulheres no desempenho múltiplos papéis não conseguem ter um momento de lazer a não ser no ambiente familiar. Isso é algo preocupante, porque além de assumir inúmeras responsabilidades, elas continuam num círculo vicioso do ambiente domiciliar.
- c) Vieira (2018), realiza um trabalho na perspectiva de compreender os desafios e os tipos de apoio social que as mães acadêmicas têm no seu dia a dia para conseguir concluir a graduação. Os sentimentos como, falta de motivação, impotência e cobrança, estresse, medo e culpa em deixar os filhos sob os cuidados de outras pessoas, constituem um dos principais desafios psicológicos e emocionais enfrentados por mães estudantes. Assim, a autora aponta que para conseguir realizar essas tarefas, é necessário o auxílio da família, com a existência de creches universitárias. Por fim, a autora concluiu que as mulheres que se tornam mães durante a graduação estão mais propensas à desistência do curso.
- d) Brito *et al.* (2021), buscam avaliar como a maternidade e a paternidade impactam a vida dos estudantes dos cursos de Medicina de instituições de ensino superior (IES) reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC), no Brasil. A pesquisa ressalta a importância e essencialidade da rede de apoio para a realização das atividades acadêmicas. Ao serem questionados quanto ao rendimento acadêmico, as mães e os pais estudantes de Medicina expressaram limitação na compatibilidade dos afazeres e responsabilidades pessoais e profissionais e relatam que as obrigações parentais comprometem o rendimento acadêmico.

- e) Silva, *et al.* (2013), visa identificar possíveis desafios encontrados por mulheres acadêmicas de Enfermagem de uma faculdade privada do município de Campina Grande, que engravidaram durante o curso. Os apontamentos expressam diversos sentimentos que acometem as mulheres que engravidam durante o período acadêmicos, tais, como ansiedade, medo, angústia, além de conciliar os desafios da vida acadêmica com a criação do filho. Muitas acabam abandonando o estudo, pois, em seu julgamento acreditam que podem adiar essa conquista em prol da maternidade.
- f) Bittencourt (2019), conduz para uma perspectiva, de como as mulheres universitárias lidam com a maternidade e a construção da carreira durante a fase da graduação, pontuando, principalmente a sua incorporação à universidade, nesse ínterim, a pesquisa realizada com dois cursos de graduação, pontua que elas consideram desistir por não contar com uma rede de apoio, assim como não há políticas públicas que reconheçam a participação da mulher mãe nas universidades brasileiras. A autora ressalta que as experiências da maternidade são bastante emblemáticas: mães que relatam sobre experiências negativas nos programas de pós-graduação, moldados a partir da atual política de produtividade: produzir ou morrer e a falta de atividades no currículo lattes, quando os filhos são pequenos. Desse modo, refletindo que a universidade nunca foi um lugar para crianças, pouco se discute sobre a necessidade de creches no campus universitário para servidoras/es e alunas/os que têm filhos pequenos.
- g) Pontes *et al.* (2022), nesse estudo de caso é examinado as estratégias de reparação dinâmica do *self* e de resistência no campo social construídas por jovens universitárias que engravidaram de maneira inesperada. Nessa conjuntura, a gravidez não planejada foi experienciada pela jovem entrevistada como um evento de rompimento que, junto a um restrito apoio social e institucional, culminou em significativos desafios para conciliar distintas demandas, fatores que colocaram em risco a sua saúde mental. Para os autores, esse apoio da universidade é fundamental para a permanência com dignidade dos jovens que conseguiram acesso ao Ensino Superior, oferecendo uma estrutura de apoio adaptativa e ações facilitadoras que evitem o fracasso e o abandono. Quando isto não acontece, a gravidez na trajetória acadêmica coloca em risco a permanência digna, o sucesso acadêmico e a formação desses jovens. E isto tem ampla repercussão na vida de uma jovem, pois o contexto de Ensino Superior consiste em um espaço de desenvolvimento humano e a interrupção dessa trajetória acadêmica

implica na exclusão da oportunidade de acesso ao conhecimento e a bens culturais hegemônicos, bem como de uma consciência crítica e política que envolve, entre outras coisas, a luta pela igualdade de direitos entre os gêneros.

- h) A investigação da Salgado (2019), se dedicou a compreender a qualidade de vida de mulheres do curso de Psicologia da PUC-BETIM, com tripla jornada ao conciliar vida profissional, maternidade e vida acadêmica. Desse modo, a pesquisa apontou que a qualidade de vida das mulheres que vivem a tripla jornada está mediana, não ultrapassando 67,4% de satisfação das mesmas, essa insatisfação se deve a diversos fatores: físicos, psicológicos, sociais e do meio ambiente. As participantes da entrevista revelaram durante o processo que enfrentam a tripla jornada com a motivação de que todos os seus sacrifícios lhes trarão resultados de melhores condições de vida com independência financeira, emocional e psicológica e que apesar de todos os desafios enfrentados durante o percurso histórico da mulher existe desde o início dessa luta, a certeza da capacidade de se realizar enquanto profissional, mulher, mãe, esposa e todas as atribuições as quais desejarem.
- i) Nessas batalhas que as mães acadêmicas enfrentam em fazer-se ouvir, Silva e Guedes (2020), traz um mecanismo, com função fundamental nesse papel. Eles se propõem a fazer uma análise das condições de permanência no ensino superior de estudantes de graduação de uma universidade pública federal que são mães e cuidadoras de suas crianças. Os autores analisam que, a universidade pública carece de ações voltadas ao atendimento de estudantes de graduação com filhos ou filhas, e a mesma postura se observa na falta de atenção às demandas de tais estudantes por suas respectivas unidades acadêmicas, docentes e servidores, que, por vezes, têm se mostrado omissos ou negligentes. O estudo também mostrou como a Internet e suas redes sociais representam uma estratégia de participação política alternativa para estudantes mães cuja sobrecarga de trabalho e responsabilizações sexistas, historicamente construídas na sociedade patriarcal brasileira, impediriam a reivindicação de seus direitos no ensino superior. Os autores destacam o incentivo à maternidade como função natural de toda mulher e, em simultâneo, a desvalorização das mulheres que são mães, estas (des) legitimadas enquanto sujeitas ativas e capazes de desempenhar funções e desenvolver novas habilidades além das que lhes foram previamente estabelecidas. No contexto das reflexões emergidas da própria pesquisa, isto significa que os espaços ditos públicos, de modo geral, são encarados como antagônicos a mulheres mães e

suas crianças, portanto, não se mostram acolhedores tanto em termos de infraestrutura quanto das ações humanas.

Esse estudo acerca do objeto de pesquisa possibilitou de forma mais pontual problematizar os desafios e as dificuldades da presença e êxito acadêmico das mães acadêmicas na UFPA, Campus Altamira.

3 ESTOU GRÁVIDA E AGORA? DESAFIOS DA PERMANÊNCIA E ÊXITO ACADÊMICO NO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA

Costa (2008) *apud* Veloso *et al.* (2012) afirma que as mães acadêmicas sofrem devido à nulidade da maternidade durante a graduação na academia e muitas vezes ocasiona atraso ou paralisação do curso devido à necessidade de cuidados de seus filhos, principalmente pelo fato de não terem locais e pessoas apropriadas para deixá-los. Tal situação remete à análise de se ter um espaço adequado com profissionais capacitados para lidar com a criança na ausência da mãe. A creche, a escola de aplicação, a família seria uma sugestão para a guarda e acompanhamento da criança, se configurando como uma rede de apoio.

E é nessa ausência de rede de apoio que muitas mulheres se vêem sujeitas a ter que levar seus filhos para a sala de aula. Em um levantamento realizado na plataforma Capes, destacamos uma pesquisa realizada em uma instituição de ensino público Federal do Nordeste brasileiro, intitulada “Mães e Universitárias” que apresenta resultados dessa realidade, nesse cenário, a saber:

A realidade consistia em salas de aulas e corredores repletos de crianças acompanhando suas mães na rotina acadêmica, situação que não era favorável para ambos, trazendo impactos distintos que, por um lado, estavam relacionados ao desempenho acadêmico abaixo do esperado para essas mães e este, por sua vez, determinava a evasão das mesmas dos cursos de graduação ao qual estavam vinculadas; e, por outro lado, as 87 crianças ficavam jogadas pelos cantos e, quando entediadas de tanto esperar hora de irem para casa, às vezes, envolviam-se em pequenos acidentes ao tentar se distraírem, correndo pelos corredores, o que ocasionaram inúmeras quedas ou deslizamentos pelo chão, além de atrapalharem outras salas de aulas com gritos ou uso de smartphone com o volume alto (SILVA, 2021, p. 87).

Evidenciado essa situação, argumentamos que além das mães, as crianças também sofrem por estarem em um espaço que não é adequado para a sua idade, e os colegas de turma, vivenciam às vezes, episódios que podem atrapalhar o seu estudo. A empatia e a

sensibilidade dos colegas de turma por vezes significa a permanência dessa mulher na universidade, bem como seu desenvolvimento e sucesso acadêmico. São situações como essas que predispõe a evasão da universidade, tendo em vista que a maioria das mães tem o que é chamado de “culpa materna”, que consiste em se sentir mal por tudo que acontece ao filho, ou as situações relacionadas ao mesmo.

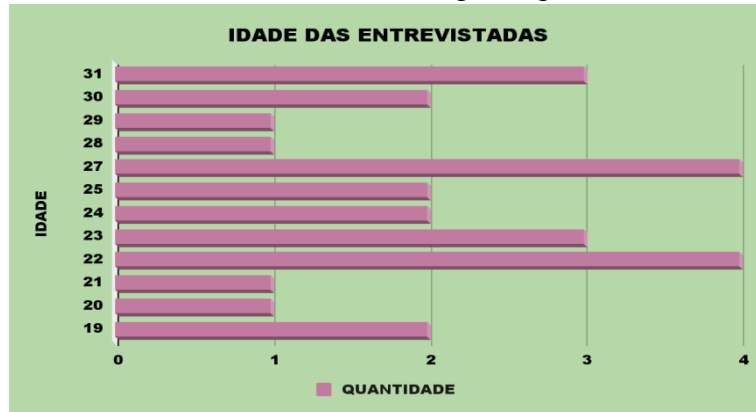
Silva (2021, p. 93) aponta que “as mães trazem os seus filhos para a universidade, pois as mesmas ficam apenas sob sua exclusiva responsabilidade, restando-lhes apenas levarem seus filhos para as aulas por não terem com quem compartilhar os cuidados de suas crianças.”

Conhecer essas estudantes é importante, assim faz se necessário demarcar teórica e estatisticamente o perfil, mesmo sendo ignorado nos registros oficiais da universidade, demarcar esse perfil é urgente para o provimento de políticas públicas voltado ao entendimento das condições de permanência e êxito acadêmico desse grupo de mulheres no ensino superior.

Silva e Guedes (2020, p. 473), em sua pesquisa, intitulada Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública, afirma que “Essas mulheres têm idade entre 19 e 33 anos, a maioria pertencente à faixa etária de 21 a 25 anos, graduandas de dezesseis cursos em diferentes áreas. Majoritariamente, são mulheres brancas (40,7%), tendo 37% se declarado negras e 18,5% pardas.” Ainda destacam que entre as participantes, o índice de desemprego é elevado, e a maioria daquelas que declararam estar empregadas não têm carteira assinada.

Com os dados levantados pela pesquisa e para melhor compreensão dos sujeitos investigados, foi possível traçar o perfil e os contextos sociais e econômicos em que essas mulheres estão inseridas. A pesquisa recebeu amostra de discentes de todas as Faculdades que atualmente compõem a UFPA, Campus Altamira, que ao todo formam um total de dez unidades. Os resultados demonstram que de uma totalidade de 27 mulheres entrevistadas, o maior número de voluntárias, o equivalente a 37%, eram do Curso de Pedagogia, esses números foram seguidos de 11,1% nos Cursos de Ciências Biológicas, Geografia, Educação do Campo, os Cursos de Letras Língua Inglesa e de Medicina obteve uma amostragem de 7,4%; os cursos que tiveram a menor amostragem fora os de Engenharia Florestal, Etnodesenvolvimento e Agronomia, com o percentual de 3,7%.

As participantes da pesquisa têm idades variadas, expondo o Gráfico 1, com o quantitativo de mulheres e sua respectiva idade.

Gráfico 1 - Idade das participantes

Fonte: A autora (2023)

A idade das entrevistadas varia entre 19 a 31 anos; no gráfico 1 é possível notar que o maior índice de mulheres tem idade de 22 e 27 anos. Esses elementos são interessantes, ao revelarem uma diferença significativa de uma idade para outra e que não há um padrão de idade.

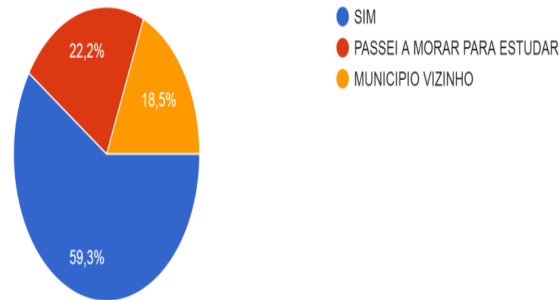
No que se refere à cor/etnia das entrevistadas, em suma se autodeclararam pardas, o equivalente a 63%, enquanto para aquelas que se autodeclararam pretas e brancas o percentual foi igual, 18,5%.

Em Altamira, o perfil de socioeconômico das acadêmicas da Universidade Federal do Pará — UFPA, Campus Universitário de Altamira tem sido em sua maioria, oriundos de família de baixa renda, sendo a principal atividade produtiva das famílias, a agricultura de pequeno porte; ribeirinhas, indígenas, quilombolas, mulheres das águas, da cidade e da floresta que precisam abdicar, por vezes do convívio familiar e de sua comunidade para estudar na cidade. Muitos desses estudantes deixaram sua cidade de origem para residir em Altamira, seja do estado do Pará ou de outros estados, como pontua (SILVA *et al.*, 2017, *apud* VIEIRA, 2019, p. 101). Confrontando a autora, os dados apresentados no Gráfico 2, corroboram com a afirmativa da autora.

Gráfico 2 - Mães Acadêmicas, e o lugar onde vive

VOCÊ RESIDE NO MUNICÍPIO ONDE O CAMPUS ESTÁ LOCALIZADO?

27 respostas



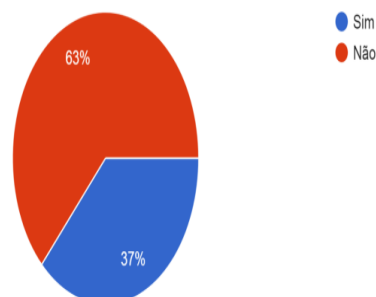
Fonte: A autora (2023)

No Gráfico 2 infere, que embora 59,3% das participantes sejam naturais da cidade de Altamira, mais de um $\frac{1}{3}$ delas, valor proporcional a 22,2% são oriundas de outros municípios, desta maneira é imprescindível frisar esses números; eles são altos e se articulam com as condições sociais, econômicas e familiares e sua influência na qualidade de vida dessas mulheres estudantes. No procedimento de traçar o perfil socioeconômico dessas mulheres, foi efetuada uma investigação se elas exerciam alguma função remunerada, o Gráfico 3 evidencia os percentuais obtidos:

Gráfico 3 - Perfil socioeconômico das participantes

VOCÊ EXERCE ALGUMA FUNÇÃO REMUNERADA?

27 respostas



Fonte: A autora (2023)

Em vermelho no Gráfico 3 está a porcentagem de mulheres que não exercem nenhuma função remunerada, um total de 63%, essa condição influencia diretamente em sua qualidade de vida. Esse número é preocupante, mas não me surpreende, pois também passo por essa situação. Meu curso é no período matutino, e durante toda a graduação não consegui arrumar um trabalho que fosse compatível com as demandas que tenho com a graduação e a maternidade solo. O horário que as empresas privadas dispõem a um funcionário e até aos estágios remunerados, é comercial, não temos em nosso município oportunidade de trabalho *home office*, assim, quando aparece uma oferta de emprego não é possível conciliar com o horário das aulas e da saída da minha filha da creche. Ter uma babá é impossível no momento, pois o dinheiro não é o suficiente e assim se forma uma bola de neve.

Essa condição econômica também é refletida em outro dado, 63,7% das participantes possuem uma renda mensal de até um salário mínimo, e 33,3% recebem acima desse valor. Após ser feita essa análise e ver que a maioria das participantes não exerce funções remuneradas, outro levantamento apontou que a renda delas vem de fontes diversas, tais como apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 - Contribuição para a renda da mãe acadêmica

CONTRIBUINTE	PAI/MÃE	COMPANHEIRO	AUXÍLIO GOVERNAMENTAL	AUXÍLIO DA UNIVERSIDADE
QUANTIDADE	3	11	2	1

Fonte: A autora (2023)

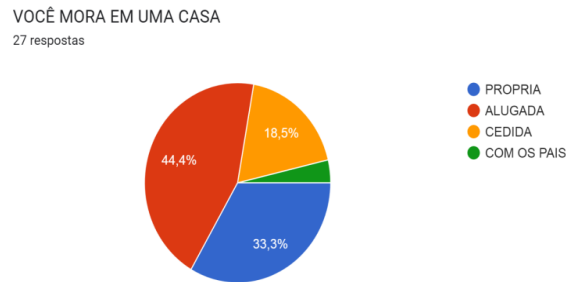
A Tabela 2, aponta que o maior auxílio dessas mulheres é proveniente dos companheiros, do montante de 27 entrevistadas, onze têm sua renda proveniente do companheiro, enquanto a demais recebem dos pais. Um quantitativo de três, auxílios concedidos pela assistência estudantil e auxílio do Governo Federal.

Outro desafio vivenciado por essas mães que dificulta a sua incorporação à Universidade é o acesso ao campus universitário central, por residirem em regiões periféricas e distantes, o que pode contribuir para a ausência ou atraso das aulas, em razão dos compromissos do cuidado de suas crianças. A UFPA Campus Altamira, fica localizado na região Central da cidade, das Mães Acadêmicas que responderam ao questionário 51,9%

residem em bairros periféricos da cidade, 37,% em bairro central e para além, tem aquelas que residem na zona rural, o equivalente a 11,1%.

Para complementar esse dado foi perguntado para essas mães qual era a sua situação de moradia, como aponta o Gráfico 4.

Gráfico 4 - Situação de moradia



Fonte: A autora (2023)

Os números apresentados no Gráfico 4, revelam uma taxa muito alta de participantes que não moram em casa própria, um percentual de 44,4%, já os que moram em casa própria têm o quantitativo de 33,3%. A partir do cruzamento das informações no que se refere ao perfil socioeconômico das participantes, foi possível identificar que das 14 mulheres declararam que moram em bairros periféricos, nove delas moram em casa própria e já residiam no município, as outras cinco, moram para estudar.

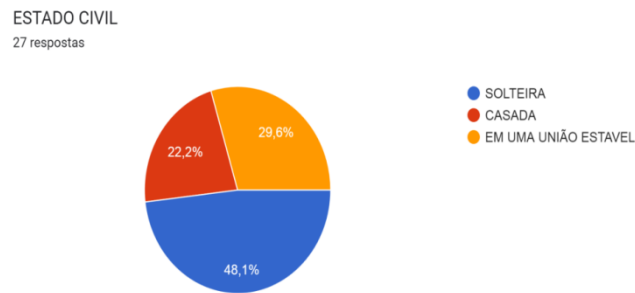
Conjuntamente, foi possível apurar que essas mulheres na zona periférica da cidade, não exercem função remunerada ou recebem até um salário mínimo, no valor de R \$1.302,00 (mil e trezentos e dois reais), datado no dia 13 de fevereiro de 2023. O fato de essas pessoas irem para essas localidades mais distantes do centro de Altamira, se dá pela procura de aluguéis mais baratos ou pelos menos por um local com espaço maior. Em um breve levantamento feito nos espaços para alugar que possuem no entorno da UFPA – Campus Altamira, foi possível constatar que os aluguéis mais baratos eram no valor de R\$450,00 (quatrocentos e cinquenta reais), um lugar apertado, fechado, sem iluminação que disponibiliza apenas de um cômodo sem divisões e um banheiro, condições insalubres para viver duas pessoas, sendo uma delas, criança.

Ainda conforme Silva e Guedes (2020), as relações afetivas das mulheres é outro aspecto relevante para entender seus contextos relacionais. A pesquisa demonstra que quase

metade delas estão namorando (44,4%), enquanto 37% são casadas e 14,8% estão solteiras. Há, também, aquelas consideradas chefes de famílias monoparentais⁵.

Diferente dos dados citados, os resultados da pesquisa apresentados pelo Gráfico 5 sinaliza para outra realidade afetiva em que essas mães se encontravam.

Gráfico 5 - Estado civil das participantes



Fonte: A autora (2023)

O percentual de mulheres solteiras exibido no Gráfico 5 é de 48,1% chama a atenção pelo alto índice, seguido de 29,6% daquelas que vivem em união estável e 22,2% que são casadas. No Brasil, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios PNAD/IBGE (2018), as famílias monoparentais chefiadas por mulheres cresceram de 9 milhões em 2001 para 11,6 milhões em 2015, são essas mulheres hoje chamadas de Mãe Solo.

Embora os autores apresentam nos dados que a maioria dessas mulheres tem um companheiro, se destaca que elas tendem a assumir solitariamente o cuidado de suas crianças e demais trabalhos domésticos, sendo este um obstáculo ao êxito acadêmico no contexto de uma universidade pública, ainda alheia às necessidades do ofício da maternidade de parte de sua comunidade.

Vale salientar que a investigação apontou que 29,6% das mães acadêmicas já tinham filhos fora do tema pesquisado, ou seja, já ingressaram no ensino superior com filhos, como a MA4, Letras Língua Inglesa (2023), que diz que é *“uma loucura, tem que se virar nos trinta! Como cuidar de duas crianças em outra cidade, estudar, arrumar dinheiro para comer, gastos diários, e gasto das crianças? Os trabalhos acadêmicos, muitas das vezes, nem consigo fazer.”*

⁵A família monoparental é uma estrutura familiar que tem se tornado cada vez mais comum em todo o mundo, formada por um dos pais (ou responsável legal) o qual é o único provedor e cuidador dos filhos. Essa estrutura pode ocorrer devido a uma série de fatores, como morte, divórcio, separação, abandono ou escolha pessoal.

Diante dessas discussões trazidas pelos autores, entende-se que na realidade dessas mulheres, as condições econômicas, estão atreladas às dificuldades de permanência no curso. O fato de estarem desempregadas ou em um emprego de péssimas condições, acaba por impedir que ela tenha uma estrutura financeira para pagar alguém que cuide do seu filho. Assim, essa série de fatores acaba culminando para tornar a permanência e assiduidade na universidade, uma batalha diária.

3.1 Incorporação feminina e o atendimento à vulnerabilidade educacional e afetiva na UFPA, Campus Universitário de Altamira

A questão da incorporação feminina nas universidades públicas brasileiras, tem se apresentado como uma conquista da mulher no mercado de trabalho, bem como a apropriação do capital cultural que por décadas é prioritariamente masculina. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2020, cerca de 47,4% dos matriculados no ensino superior no Brasil eram mulheres. Isso significa que cada vez mais mulheres estão tendo acesso ao ensino superior e garantindo a sua presença em espaços de liderança e decisão. No entanto, ainda existem desafios a serem superados para garantir a igualdade de gênero na educação, agora não apenas no sentido de inserir mulheres no ensino superior, mas de fazer deste um ambiente que respeite as suas subjetividades.

Buscando identificar como isso tem se manifestado no Campus Universitário de Altamira, aplicamos um questionário aos nove gestores das faculdades que compõem o Campus, com perguntas semiestruturadas versando sobre; como é feito o acompanhamento pedagógico para as Mães Acadêmicas durante o regime de atendimento domiciliar? Existe uma Política Institucional Direcionada especialmente ao acompanhamento dessas Mães Acadêmicas, antes e depois do nascimento do seu filho? O que tem sido feito para acolher as mães acadêmicas que precisam trazer os seus filhos para a sala de aula da universidade, no sentido de ter um espaço adequado pelo menos para as lactantes amamentar e para a higiene pessoal do bebê? Por fim, foi indagado se a Unidade ou subunidades do Campus, atende as jovens em vulnerabilidade afetiva, visto que estão longe do apoio familiar. As respostas foram variadas, como observado nos trechos, a saber:

Analisei as questões apresentadas, infelizmente não tenho como responder porque desconheço essa política de acompanhamento de mães universitárias (DIRETOR 1, 2023).

Sim, existe, seguimos as orientações da UFPA. Em relação ao acompanhamento das mães, a subunidade não tem uma resolução normativa exclusiva e, quando requerido, fazemos o encaminhamento para o setor responsável do Campus (DIRETOR 2, 2023).

Do montante de nove questionários enviados, somente tivemos a devolutiva de dois diretores de faculdades, não tivemos justificativas plausíveis para a não resposta dos demais. Diante aos dados percebemos que os gestores desconhecem de fato as políticas de assistência estudantil da UFPA, os quais são feitas diretamente para atender esse público, ou que mesmo de forma indireta pode servir como ferramenta de permanência para atender as mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade socioeconômica, os quais são Mães Solo e são oriundas de outro estado ou município, por exemplo, o auxílio moradia, que segundo a Instrução Normativa N.º 11/2022/SAEST/UFPA de 14 de setembro de 2022, é um Auxílio Financeiro no valor de R\$ 400,00, para custear aluguel com moradia. Tem vigência de 12 meses. É concedido por meio de edital publicado uma vez por ano, no início do primeiro semestre letivo.

Como esses editais têm datas para abertura, a discente em situação de vulnerabilidade pode solicitar o Auxílio emergencial, auxílio financeiro no valor de R\$ de 400,00 para custear despesas com transporte, alimentação e material didático em situações emergenciais que surgem na vida da aluna, sem que ela esteja inscrita em algum auxílio. É concedido durante o período em que o estudante aguarda a abertura de edital para se inscrever no devido auxílio.

A Instrução Normativa SAEST/UFPA n.º 21, de 15 de setembro de 2022, estabelece os critérios para a concessão do Auxílio Creche, que visa garantir aos discentes da UFPA em situação de vulnerabilidade socioeconômica a conclusão de seu curso de graduação em tempo hábil, por meio do custeio financeiro de até R\$400,00. As crianças atendidas, são na faixa etária de 1 a 5 anos. O auxílio pode ser solicitado pelo e-mail saestcie@ufpa.br. A equipe técnica de assistência social da UFPA entrou em contato para avaliar a necessidade da aluna universitária, segundo as normativas do Auxílio Creche.

Para o atendimento emocional e pedagógico, a Faculdade de Educação conta com o Projeto de Assistência Estudantil e Assessoramento Pedagógico (PASES) que têm oferecido atendimento psicológico aos estudantes, aos docentes e aos demais funcionários do Campus Altamira da UFPA. Criado, em 2013, pela professora e ex-coordenadora Regina Celi Castro, Coordenado atualmente pela professora Priscilla Bellard Mendes de Souza, doutora da Faculdade de Educação do Campus Altamira (FAE).

Aos que responderam, principalmente o Diretor 1, a sensação que se tem que o mesmo não desconhece a “a própria casa”, visto que todas as normativas e espaços da qual a instituição disponibiliza e que citei, ele afirmou desconhecer.

Enquanto mãe acadêmica, senti de perto esse despreparo no trato com as demandas que dizem respeito às políticas assistenciais, para esse público tão esquecido pela universidade. Diante dessa realidade, as mulheres que se tornaram mães durante a graduação e que fazem parte desses dados, enfrentam uma barreira muito maior, por não ter uma rede de apoio institucional mais eficaz. Nesse viés destaca-se a importância das creches universitárias para acolhimento dos filhos dessas mulheres acadêmicas, como subsídios para a promoção da permanência e sucesso acadêmico.

Para além deste apoio, as creches também são um importante agente para manutenção dos vínculos e laços maternos entre as mães e seus filhos, uma vez que o distanciamento é prejudicial e nega o direito da amamentação das crianças pequenas. Sobre esse tema, é importante que a mãe não se ausente por um período que ultrapasse a capacidade de a criança de duvidar de sua existência, pois o sentimento de falta de sobrevivência da mãe pelo filho nesta fase, pode desenvolver doenças da pulsão agressiva, como a tendência por paranóia, depressão, hipocondria e a psicose maníaco-depressiva (NASIO, 1995). Essa citação é importante e exemplifica a realidade de muitas mulheres, que convivem com a culpa materna de ter que optar entre os cuidados com os filhos, os estudos ou o trabalho.

Os benefícios das creches nas Instituições de Ensino Superior (IES) são para a instituição e os próprios estudantes, pois teriam um campo a mais de estágio, podendo assim desenvolver projetos de pesquisas, ensino e extensão na área da educação da infância e utilizando técnicas que aprendem em sala de aula, dando uma qualidade a mais em seus respectivos cursos, como, por exemplo, psicologia, pedagogia, enfermagem, nutrição, educação física, fisioterapia, odontologia entre outros (RAUPP, 2004), como cita a MA26, Educação Do Campo (2023), em relação à inexistência de um espaço para o acolhimento das crianças que vão para a universidade.

Já levei várias vezes e, fico bem preocupada de acabar atrapalhando os colegas de turma, e triste por não ter um lugar na universidade em que minha filha possa brincar ou ficar mais à vontade, por ser bem cansativo para uma criança passar o dia inteiro numa sala de aula e ainda ter que ficar em silêncio para não atrapalhar a aula.

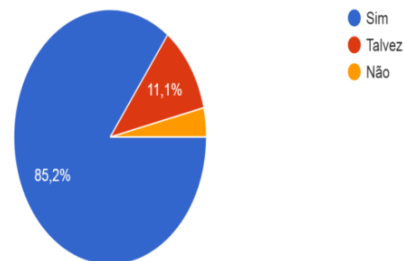
O que difere nesse discurso dos demais, é que essa mãe observa a necessidade de um espaço no Campus Altamira para acolher o seu filho enquanto ela está na aula, ou seja, apesar

do sentimento de culpa, ela coloca responsabilidade institucional a solução para essa conjuntura. Nesse sentido, estava entre as perguntas do questionário, se seria útil para elas esse espaço. O Gráfico 6 apresenta os resultados obtidos.

Gráfico 6 - Espaços de acolhimento universitário

EM RELAÇÃO ÀS CRECHES UNIVERSITÁRIAS E AS BRINQUEDOTECAS UNIVERSITÁRIAS, ELAS SERIAM ÚTIL PARA VOCÊ CASO POSSUÍSSE NO CAMPUS?

27 respostas



Fonte: A autora (2023)

Constata-se que o interesse dessas mães é grande por esse espaço, visto que no Gráfico 6, 85,2% afirmaram que esse espaço seria útil; 11,1% das entrevistadas ficaram em dúvidas, seguida apenas de uma pequena parcela de 3,7% que julgaram não ser útil.

Na UFPA, é ofertado para os discentes que possuem filhos de 1 a 5 anos o auxílio-creche, que consiste em um recurso financeiro para discentes em vulnerabilidade socioeconômica durante o percurso acadêmico de graduação. Apesar de ser uma excelente ferramenta no processo de equidade, na prática, o auxílio tem suas falhas. O número de beneficiários está aquém ao número de estudantes que demanda algum tipo de auxílio no campus Altamira. O fato de ter uma exigência mínima de idade das crianças, é detalhe que preciso destacar, se a licença para o atendimento domiciliar é até os três meses de puerpério, qual alternativa cabe a mãe acadêmica se o auxílio só é concedido para crianças com no mínimo um ano? Se o objetivo do auxílio é prestar assistência, essa conta não fecha.

Outro destaque é para o período de vigência dos auxílios, sendo de um ano, podendo o aluno solicitar renovação por meio do edital aberto anualmente. Um dos grandes problemas para muitos estudantes é a não garantia de obtenção do recurso durante o período regular de integralização do seu curso. Esse fator causa preocupação ao estudante atendido, por não saber se terá condições financeiras para concluir o ensino superior (VIEIRA; CASTRO, 2019). A esse respeito, reflete Pinheiro (2016):

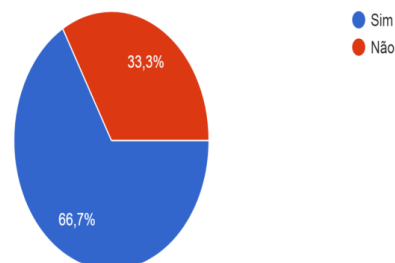
Assim, pode-se refletir quais os elementos que estão presentes na política de assistência estudantil na UFPA [...]. Este é tomado por um viés fragmentador e seletivo, afinal, a assistência ao estudante na UFPA é materializada pela concessão de auxílios que são disputados ponto a ponto por meio de um processo seletivo, que põe a prova o grau de pobreza, privação e vulnerabilidades que os estudantes estão expostos, sendo tais elementos identificados e mensurados de acordo com características que “desconstrói a construção histórica” do “direito a ter direitos (PINHEIRO, 2016, p. 109–110).

Além da dificuldade e concorrência, quem consegue receber o auxílio tem outro problema na cidade de Altamira. Por meio de uma pesquisa exploratória realizada no período de 05 a 13 fevereiro 2023, a autora identificou que as instituições particulares pesquisadas só ofertam vagas em tempo integral para crianças até 3 anos, com isso algumas mensalidades excedem até o dobro do valor de 400 reais do auxílio. Segundo a normativa da Superintendência de Assistência Estudantil — SAEST Art. 4 inciso V. É vedado o uso do auxílio para pagamento de pessoa física ou jurídica prestadora de serviço do tipo: “babá”, cuidador ou outros serviços similares. Desse modo fica impossibilitado terceirizar os cuidados da criança, para conseguir um valor igual ou próximo daquele recebido pelo auxílio.

Embora não se tenha recebido dados diretamente da direção do Campus Altamira e das Faculdades, os dados obtidos pela pesquisa feita com as discentes, transparece uma parte da realidade vivida por essas mulheres, considerando que a pesquisa só ouviu as mulheres que tiveram filhos durante a graduação. O Gráfico 7 expõe os resultados sobre o questionamento se as mães acadêmicas já precisaram levar o seu filho para a universidade.

Gráfico 7 - Crianças na Universidade

VOCÊ JÁ PRECISOU EM ALGUM MOMENTO LEVAR O SEU FILHO PARA A UNIVERSIDADE?
27 respostas



Fonte: A autora (2023)

Como apresentou o Gráfico 7, mais da metade das entrevistadas precisaram levar seu filho para a universidade, para ser mais exata, 66,7%. Esse número sinaliza o quanto é imprevisível o atendimento no Campus Universitário de Altamira, enquanto uma Instituição pública, não dispões de uma infraestrutura adequada para acolher essas mães com essas crianças, seja na creche universitária, brinquedoteca, uma escola de aplicação, ou outro espaço compatível com a demanda de atendimento a crianças pequenas.

Dando seguimento a essa questão, foi solicitado às mães que levaram seu filho para a universidade contassem como foi a experiência e o seu sentimento sobre essa situação. Uma delas relatou que foi: *“Um pouco complicado, visto que ele é muito hiperativo. Não conseguir acompanhar a aula. Quando o primeiro filho nasceu, trouxe os 3 primeiros meses todos os dias de pé, moro longe que só”* (MA2, Ciências Biológicas, 2023).

A realidade da MA2, Ciências Biológicas (2023), é a de muitas mulheres que residem em bairros periféricos e precisam se deslocar aos grandes centros para estudar e trabalhar. No caso específico da entrevistada, a situação se complica, pois ela faz esse trajeto sem o uso de automóveis e ainda com um bebê nos braços, até chegar no Campus Altamira.

Notoriamente, as mães que levam seus filhos para a universidade não o fazem por opção, como o caso da MA6, Letras Língua Portuguesa (2023), ela diz que *“Levo ela todos os dias comigo, não tenho com quem deixá-la. O pai dela também faz faculdade à noite”*. Nesse caso é importante destacar os casos em que há casais em coincidência, os dois estudam no mesmo horário, atrapalhando a logística nos cuidados da criança.

O que torna a tarefa de ser mãe e acadêmica mais desafiadora, ao ter que dividir a sua atenção com duas missões – ser mãe e universitária ao mesmo tempo, exigindo dedicação e compromisso para entregar o seu melhor. Assim, destacamos nos diálogos com as alunas a responsabilidade de ter que cuidar de uma criança e prestar atenção às aulas simultaneamente. A MA10, Agronomia (2023), comenta: *“quando a minha filha ainda era um bebê não dava tanto trabalho para mim estudar, mas depois que ela completou um ano que começou a querer falar foi tudo muito difícil, porque ela passou a chorar muito também e isso passou a atrapalhar muito as aulas.”* Disso, observa-se que quanto mais a criança ou a faculdade vai demandando atenção, mais os desafios e as dificuldades se apresentam em paridade.

Outras mães também relatam esse sentimento vivido por essa Acadêmica, como o caso da MA11, Pedagogia (2023): *“Não conseguia estudar com ele na sala de aula, sentia que estava atrapalhando a minha concentração e das demais pessoas que estavam*

estudando.” Além de sentir um prejuízo pessoal, ela também expressa uma preocupação com os colegas da turma.

Esse mister de sentimentos foi analisado nesta entrevista, ela diz: *“Tive que me desdobrar para dar conta de dar atenção, porém não consegui me sentir totalmente incapaz de realizar as atividades, para dar atenção para o bebê quanto à programação acadêmica.”* (MA21, Geografia, 2023). Aqui, a entrevistada traz uma definição que assola muitas dessas mulheres, “INCAPAZ”! Esse é o sentimento que às vezes paira na cabeça diante das inúmeras jornadas que tem que realizar no dia a dia.

Soma-se ao sentimento de incapacidade o de perda que essas mulheres têm principalmente na parte acadêmica, por isso destacamos o lado onde ocorrem as perdas maternas. Sobre isso relata a MA23, Educação do Campo (2023): *“Já levei um semestre todo meu outro filho para sala de aula. Fiquei com muita dó dele, pois, se tratava de uma criança e aquele ambiente não era adequado para ele. Ele chorava às vezes para não ir para sala de aula.”*

As salas de aula, ou em alguns casos os corredores dos prédios não são lugares para uma criança estar por no mínimo 3h dos seus dias, elas precisam de um espaço adequado, que garanta segurança e diversão. Ficar longos períodos em sala é cansativo para adultos, se comparando com uma criança é ainda pior, pois além de não oferecer um espaço adequado ela ainda é obrigada a permanecer quieta.

Analisando os dados obtidos no questionário enviado às discentes no que se refere às crianças, a quietude das crianças foi o descritor mais destacado pelas mães, mesmo no Curso de Pedagogia, uma área voltada para a educação e os cuidados da infância. Aqui a acadêmica fala que:

Eu não gosto de levar, porque não tenho opção. Minha criança não é daquelas que fica quietinha em um canto, e apesar de ninguém nunca ter reclamado diretamente a mim, eu percebo os olhares, até de alguns professores. E de certo modo eu não os condeno, eles estão lá para estudar, tem direito de não gostar de uma criança atrapalhar de alguma forma. Fico com muita vergonha e triste diante de situações assim (MA27, PEDAGOGIA, 2023)

Percebe-se a aflição das mães com o fato que as crianças não possam ser crianças durante o período que estão na sala, com receio de colegas e até professores. No caso em questão a discente não infere nenhuma agressão verbal, mas veladamente. Por se tratar de um estudante do Curso de Pedagogia, nos indagamos diante dessa resposta, onde estão os

ensinamentos deixados pelo patrono da Pedagogia, Paulo Freire, sobre uma educação voltada principalmente para os valores humanos, instruídos muitas vezes pelos próprios professores?

Embora os depoimentos acima não tenham sido positivos, essa realidade não perdurou por todas as respostas. Muitas mães recebem ajuda, principalmente por parte dos colegas de turma, como é o caso dessa mãe. Ela diz que, “*as pessoas ofereceram muita ajuda, em questão de se preocupar em levar minha bolsa com meus pertences, em ficar com a criança para ir ao banheiro, etc.*” (MA5, Ciências Biológicas, 2023). É notório que é nesses pequenos gestos que pode passar despercebido por quem o faz, que essas mulheres se sentem acolhidas pela comunidade acadêmica.

Em relação às medidas de assistência adotadas pela UFPA, Campus Universitário de Altamira, visamos identificar como as mães têm sido atendidas, seja na orientação para o recebimento do auxílio, seja no regime de exercícios domiciliares. Os resultados apontaram que das 27 entrevistadas, 19 afirmaram que não solicitaram o exercício domiciliar, umas das justificativas para não terem solicitado, é porque muitas tiveram seus filhos durante a pandemia de Coronavírus, já uma delas disse que não sabia do que se tratava, pois não teve essa informação sobre esse direito.

Uma falha muito grande no Exercício Domiciliar ocorre quando o afastamento da mãe coincide com os períodos de Estágios, ou em no caso de alguns cursos, com muita visita a campo. O Art. 42. Versa que não será concedido exercício domiciliar ao discente matriculado em atividade isolada e ao matriculado nas Atividades Curriculares de estágio curricular; pré-internato; internato; práticas laboratoriais ou ambulatoriais; ou naquelas cujas execuções não possa ocorrer fora do ambiente da UFPA. Essa condição foi vivenciada pela MA1, Engenheira Florestal (2003) e MA5, Ciências Biológicas (2023), que disseram que solicitaram, mas “*foi mesmo que nada, eles não aceitaram devido às aulas práticas*”.

Aquelas que conseguiram ser atendidas relatam a sua experiência como sendo de uma rotina pesada, principalmente no pós-parto, outras demonstram insatisfação em como se deu o processo, como nos conta MA27, (Pedagogia, 2023):

Solicitei e fui atendida, o processo para conseguir foi fácil, difícil foi como esse processo aconteceu. Os professores não davam a mínima para a minha situação, toda disciplina diferente eu tinha que ficar correndo atrás dos professores para não perder a disciplina, era uma humilhação. No final, eles passavam um trabalho qualquer, às vezes nem isso e lançavam um conceito qualquer. Não aprendi nada naquele período, primeiro porque eu sentia que os professores não tinham um plano de ensino adaptado para mim por estar naquela situação (não sei se é dever deles), segundo, porque eu estava

passando por um momento tão difícil que não conseguia ir atrás de outras formas para me aprofundar nas disciplinas.

A narrativa dessa participante me chamou atenção, como autora, mas também com alguém que viveu algo semelhante. Quero pontuar que quando ela abre um parêntese sobre se é responsável e da discente preparar uma aula pensada nas especificidades dela, a resposta é sim! O Regime de Atendimento Domiciliar é categórico ao pontuar em seu Art. 41. Para atender às especificidades do exercício domiciliar, os docentes elaboraram um programa especial de estudos a ser cumprido pelo discente, com a especificação de: I — conteúdo a serem estudados; II — metodologias a serem utilizadas; III — tarefas a cumprir; IV — critérios de avaliação; V — prazos para execução das tarefas. Parágrafo único. A orientação do discente será realizada pelos próprios docentes envolvidos no programa especial de estudos. Percebe-se que apesar de todas essas normativas, o atendimento é feito de forma "doméstica", prefiro pensar que seja para facilitar o rápido atendimento às mães, mas a problemática é que esse processo que inicia na falta de uma orientação mais focal, se estende ao acompanhamento que é feito pelos exercícios domiciliares.

Os dados apontaram que o Campus tem sido falho em relação ao atendimento dessas mães, isso gerou à pesquisadora o interesse em saber se as alunas sentiram vontade de desistir do curso. A MA26, Educação do Campo (2023) informou que “*eu sempre preciso pagar uma babá para cuidar da minha filha, porém não conseguir o auxílio para ajudar nessa questão, por ser muito burocrático*”. A situação dessa mãe não difere das demais, já que identificamos, em vários trechos do questionário aplicado às mães, que em algum momento do curso, elas se sentem desmotivadas em dar continuidade devido aos desafios de apoio institucional. É importante salientar que essa desmotivação também é reflexo da falta de apoio familiar, como indicou a MA10, Agronomia (2023)

:

Esse é um dos primeiros pensamentos que tive quando soube da gravidez, porque como eu não sou daqui do município de Altamira apenas vim para estudar então eu não pensei em outra alternativa a não ser desistir da graduação porque o meu município de origem que é Abaetetuba Pará fica uma longa distância de Altamira. Então para mim saber da gravidez foi um choque muito grande, ou seja, eu fui pega de surpresa, eu só não tentei desistir da gravidez por que eu já tinha 24 anos então eu já me sentia bem madura para conseguir criar um filho, apenas pedia a Deus que viesse com muita saúde.

Esses desafios postos a essas mães acadêmicas, consoante os dados, têm influenciado no envolvimento e no rendimento delas na instituição, na participação em eventos, nas aulas, nas

festividades e outras atividades culturais, políticas e educacional, como se manifesta a MA27, Pedagogia (2023):

Mora apenas eu e minha filha em Altamira, não tenho nenhuma rede de apoio. Apesar da minha filha ficar na creche, não, é algo que posso contar de olhos fechados, pois minha filha sempre fica doente e a creche não recebe a criança nessas condições. Mas com tudo isso a creche ajuda muito, durante a pandemia as dificuldades eram maiores sem esse auxílio.

Demais mães relatam que até conseguem participar de eventos, mas de projetos de pesquisa é bastante complicado, e coloca que já leva os/as filhos/as para a faculdade por não ter com quem deixar. Outra narra que quase não participa de eventos e projetos porque não tem com quem deixar os filhos. Se ver a importância da rede de apoio para incorporação feminina, quando a MA8, Pedagogia (2023) afirma que consegue “*de maneira bem limitada, mesmo com rede de apoio.*”

Essas vozes evidenciam que a falta ou a presença de uma rede de apoio, contribui ou não para a incorporação dessa estudante à UFPA. No tocante a rede de apoio, nos interessou saber sobre quais as contribuições presentes no cotidiano dessas mães. Do montante de 27 mulheres ouvidas, 59,3% afirmaram contar com esse apoio; 40,7% não o tem. Frente ao exposto, tivemos em vista identificar a fonte dessa rede de apoio sendo elas: sogra, prima, creche, mãe, filha mais velha, tia, babá, nora, cunhada e irmã.

Cabe destacar aqui o papel do pai da criança nesse processo, pai não é rede de apoio! Assim como a mãe, a função de cuidar dos filhos é inerente ao seu papel como responsável pela criança, desse modo, quem “ajuda” nos cuidados com a criança é a tia, a prima, etc., o pai divide responsabilidade. Posto isto, as participantes responderam como era compartilhada essa responsabilidade nos cuidados com os filhos, a MA10, Agronomia (2023), cita que “*ele negou ela logo que nasceu, mas ainda estamos na justiça, porque ele nunca deu nada para ela*”. A MA27, Pedagogia (2023) declara que, *o pai dela apenas a registrou, faz anos que ele não a vê. Em relação ao apoio financeiro, ele deposita um dinheiro quando quer, não, é algo que eu possa contar.*” Em ambos os relatos podemos perceber que os pais dessas crianças não apenas estão sendo omissos em compartilhar as responsabilidades com as mães, mas também estão cometendo o que é chamado de abandono afetivo paterno, que ocorre quando um pai não cumpre seu papel afetivo na vida de seu filho, deixando-o desamparado emocionalmente e sem a presença e o suporte paterno. Esse tipo de situação pode ter efeitos na vida da criança

ou do jovem, afetando sua autoestima, sua capacidade de formar vínculos saudáveis, sua segurança emocional e sua capacidade de lidar com a situação a médio e/ou a longo prazo.

Em contrapartida, muitas mães compartilham os cuidados com o filho, como indicado por MA18, Medicina (2023): "*Ele é o PAI. Está presente em todos os momentos, desde o nascimento, dando banho, leva para o trabalho quando necessário e passeios enquanto estudo.*" Essa divisão de responsabilidades nos cuidados com os filhos entre pai e mãe é fundamental para garantir o bem-estar da criança e o desenvolvimento saudável de sua personalidade. Entre as razões pelas quais isso é importante está o equilíbrio emocional: quando o pai assume uma parte dos cuidados, ele pode oferecer um equilíbrio emocional ao filho e à mãe, que pode ser importante para a saúde mental de todos os envolvidos. O pai pode ajudar a mãe a se sentir menos sobrecarregada, permitindo que ela tenha um tempo para cuidar de si mesma e se dedicar a outras tarefas, e o filho pode ter um vínculo mais forte com ambos os pais.

Apesar de termos um percentual maior sobre as mães que contam com a rede de apoio, às mães que não a tem chama nossa atenção por ser um número considerável, equivalente a quase metade das mulheres ouvidas. Assim como elas, também não contei com essas redes de apoio institucional, tampouco familiar, pois durante todo o meu percurso acadêmico, precisei trazer minha filha para as aulas e demais atividades culturais, políticas e sociais que a universidade proporciona aos alunos.

Mesmo contado com o apoio da creche pública municipal, por vezes precisei trazê-la para UFPA, principalmente para reuniões, aos sábados letivos, aos eventos que excedem o horário de funcionamento da creche, ou que coincide de não ter aula para minha filha nos dias dessas atividades, porém, o que mais impossibilitava a frequência nas creches e aumentava a assiduidade na universidade, era porque ela tem uma deficiência imunológica, por isso estava sempre com gripe. Consequentemente, para não perder aula, quando ela não estava com sintomas muito fortes eu acabava levando-a para sala, o que gerava desconforto e irritação, algo compreensível e que me machucava muito.

A realidade das mães no cotidiano das universidades, por vezes são invisíveis, passando despercebidas tanto na academia, quanto na sociedade, no que se refere ao acolhimento durante a gestação e após o nascimento de seus filhos. Várias dificuldades são vivenciadas por essas mulheres, de acordo com suas vozes, para auxiliar nas necessidades de proteção e cuidados, dentre elas a família e as instituições de assistência e proteção materno-infantil são importantes.

Outra questão apontada pelas mães no que tange a falta dessa rede de apoio foi o adoecimento mental, como evidenciado no relato da aluna MA27, *Pedagogia (2023)*: “*Todo o percurso, da descoberta da gravidez, até o nascimento, foi um processo muito difícil para mim. Eu já tinha problemas de depressão e ansiedade e a gravidez não planejada, com a Universidade e os problemas familiares, piorou a minha situação.*”

Observamos, como sendo um conjunto de fatores que vão tornando a experiência acadêmica e pessoal dessas mulheres difíceis, muitas já vem com bagagem emocionais e familiares pesadas antes de se encaixarem nesse contexto. MA6, Letras Língua Portuguesa (2023), declarou: “*tenho crises de ansiedade, não me acho uma boa mãe por fazê-la passar por esse processo acadêmico comigo. Ela é só uma criança e sei que é muito cansativo, então isso às vezes mexe comigo.*”

Os sentimentos de culpa e inferioridade são reflexo dos malefícios do adoecimento mental, o qual é uma condição em que o bem-estar emocional, comportamental ou psicológico de uma pessoa é prejudicado de maneira significativa. Pode incluir mudanças de humor, pensamento, comportamento e capacidade de realizar tarefas. As causas do adoecimento mental são complexas e podem incluir fatores como estresse, falta de sono, abuso de substâncias, eventos de vida estressantes, entre outros.

De forma geral, as mães afirmaram que houve momentos de desespero, isolamento social, decepção com o companheiro após saber da gravidez, ansiedade e baixa autoestima. Outras, afirmaram que a rotina da UFPA é pesada, mas com o apoio da rede elas conseguem participar das atividades sem perdas consideráveis, como se manifesta à MA18, *Medicina (2023)*: “*logo no primeiro semestre senti que não iria conseguir, porém, tive muito apoio do meu companheiro e da minha mãe.*”

Agrava-se a isso, a situação de referência da localidade de estudo dessas mulheres, pois os dados apontaram que as acadêmicas entrevistadas, a maioria são oriundas de outras cidades e até estados. Nesse viés, a entrada no ensino superior acarreta um afastamento da unidade familiar e das relações interpessoais estabelecidas na infância e adolescência. Nas primeiras semanas do primeiro semestre da graduação, os estudantes estão se separando de suas comunidades de origem e realizando a transição para o convívio com a comunidade acadêmica (BENSON, 2007). Desse modo, eles procuram o apoio de pessoas que possam ajudá-los em um período de novas vivências. Frequentemente, essas pessoas são os colegas de curso, os quais podem estar experimentando situações semelhantes, como o distanciamento dos pais e amigos (TEIXEIRA *et al.*, 2008).

O ambiente universitário e o comportamento adquirido nas universidades é característico das mudanças sociais, culturais, psicológicas e biológicas que os jovens sofrem no processo de amadurecimento. Os períodos iniciais dos cursos de graduação incidem sobre a necessidade de buscar amizades e tentar conciliar a nova rotina de compromissos, estudos e responsabilidades. Com uma rotina sobrecarregada de atividades antes não vivenciadas e de maior autonomia e liberdade para os jovens, surgem ambientes de descontração e diversão para aliviar a tensão. Nesse sentido, inúmeros universitários buscam em festas e eventos a descontração necessária para enfrentar esse turbilhão de acontecimentos, promovendo novas formas de comportamento e de viver a vida (FONTE *et al.*, 2018)

Esse cenário universitário e com a ampliação do mundo social do jovem, favorece o aparecimento e consolidação de determinados comportamentos, especialmente, relacionados ao consumo de álcool e outras drogas e de encontros sexuais. O consumo de substâncias psicoativas entre os universitários é mais frequente do que na população em geral, e o seu uso aumenta a probabilidade de vivenciar situações de risco, dentre elas, o sexo sem proteção. (SPINDOLA *et al.*, 2017).

Posto isso, a inserção desses jovens no ambiente universitário, requer uma atenção especial além do familiar, o institucional, uma vez que estudos demonstram que eles são mais vulneráveis à iniciação e à manutenção do uso de substâncias ilícitas. No Brasil, se comparado com a população geral brasileira de 12 a 65 anos, o uso na vida de drogas ilícitas é mais de duas vezes maior entre os universitários (48,7%). Ainda nesse sentido, entre os universitários preocupa o desenvolvimento de problemas relacionados ao uso de substâncias, que os predispõe ao agravamento dos casos de relações sexuais indesejadas, desprotegidas, número de parceiros sexuais, violência praticada pelo parceiro íntimo, entre outros (ANDRADE, 2012). Isso pode resultar em uma gravidez não planejada, como apontou os dados da pesquisa. Das 27 participantes, apenas duas afirmaram terem planejado a gravidez. Apesar do termo está bem claro, preciso reiterar que ao me referir a gravidez não planejada, não significa que seja uma gravidez indesejada ou na pior das hipóteses “um filho não amado” (grifos da autora).

Eu tinha um namorado que já estávamos planejando ficar juntos, mais aí eu vim fazer faculdade aqui em Altamira e ele ficou para lá para Belém onde ele morava, então eu estudei o primeiro semestre e fui embora, aí nos encontramos lá e eu acabei engravidando dele, e eu só descobrir a gravidez com 3 meses, e devido eu estar estudando para cá ele achava que não era dele e então ele negou a minha filha, e com isso não tinha nem como eu ter ajuda de nada dele, apesar de muitos anos de namoro, ele não teve

consideração comigo então foi aí que achei melhor ficar aqui e estudar, para não enlouquecer com tudo isso. Na faculdade uma gravidez é igual na escola de ensino médio, as pessoas te olham como se fosse uma doença, além de não contar com amizades nenhuma porque depois que sabem da gravidez elas se afastam de você, não sei por que e assim, talvez é porque as pessoas sentem vergonha de você ainda mais quando e umas grávidas que o pai negou o seu filho (MA10, AGRONOMIA, 2023).

Ao analisar o perfil individual da MA10, Agronomia (2023), inferimos que ela está inserida em um contexto em que todas as condições são desfavoráveis a ela. Como citado, ela passou a morar no município para estudar, mulher negra, pobre, de periferia, não exerce uma função remunerada, não possui rede de apoio, entre outros. Para uma análise dos acontecimentos vividos pela participante além dos estereótipos de gênero, preconcebidas sobre as mulheres grávidas, acreditando que elas não são capazes ou que devem se concentrar apenas na gravidez e na maternidade, aspiro inferir como as questões raciais e as condições socioeconômicas influenciam a forma em que somos vistos e tratados pela sociedade. O Brasil conforme o último censo do IBGE, realizado em 2010, cerca de 50,7% da população brasileira se autodeclararam como pretos ou pardos, em relação à pobreza os dados do IBGE (2022) revelaram que no Brasil tem 62,5 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza, ou seja, entre cada 10 brasileiros, aproximadamente três viviam abaixo da linha da pobreza e um em condição de extrema pobreza.

Esses dados apontam que o Brasil apesar de ser um país miscigenado e com grandes riquezas concentrada nas mãos de poucos, ainda é um país elitista e com uma grande herança escravocrata. A condição socioeconômica pode influenciar significativamente como somos vistos e tratados na sociedade, condicionada a maneira como pessoas mulheres pretas são tratadas normalmente enfrentando barreiras estruturais e institucionais que limitam seu acesso a oportunidades e recursos, e muitas vezes sendo estereotipadas como menos merecedoras de sucesso.

De forma distinta MA27, Pedagogia (2023) resume o sentimento de descobrir a gravidez com sendo “*um baque muito grande, essa nunca foi minha vontade ou meu sonho. Ficar grávida e ainda durante a graduação, foi um dos momentos mais difíceis da minha vida, teve momentos que eu considerava desistir de tudo*”. Na maior parte dos casos, essas mulheres queriam terminar a graduação primeiro, atuar na área, ter a vida financeira instável, e se preparar psicologicamente para depois ter filhos. Outras relatam terem entrado em pânico, porque sabia que tudo se dificultaria, ainda mais no seu caso que teria que se desdobrar em três: mãe, aluna e dona de casa.

A cada ano, pelo menos 80 milhões de mulheres em todo o mundo, experimentam a situação de ter uma gravidez não planejada, número que vem crescendo nas últimas décadas. A ocorrência desse fenômeno é responsável por um risco adicional no número de abortamentos e, além do episódio em si, aumenta o risco de morbidade e mortalidade ligadas ao aborto. Essa situação é bastante relevante na América do Sul, onde o número de procedimentos abortivos clandestinos está próximo dos quatro milhões por ano (LANGER, 2002).

No decorrer do texto foi muito discutido as questões das universitárias que tiveram seus filhos durante a graduação, mesmo com todas as impasses acarretados por essa opção. E é sob outra perspectiva, que as mulheres, mesmo aquelas que não foram mães em outros contextos, sabem as mudanças que uma gestação e um filho traz na sua vida, sobretudo durante a graduação, que não se pode deixar de abordar um tópico tão importante, como o aborto para aquelas mulheres que optam por interromper a gravidez.

A gravidez indesejada tem consequências nos níveis biológicos e psicossociais. Dentre elas despontam a interrupção da escolarização e da formação profissional (MOREIRA, 2008). Para López-Gómez (2015), como a mulher enfrenta uma gravidez não esperada é uma situação que as coloca em estado de ambiguidade. Nesse entendimento, quando a decisão da mulher é centrada no processo de rompimento da gravidez ela aborta, sendo, portanto, necessário explorar as condições, as circunstâncias, as razões e os recursos que elas tiveram para efetuar-lo. Contextos e condições de ilegalidade e criminalização da prática do aborto voluntário são considerados cruciais para a análise dos processos de aborto, e eles definem como as mulheres experimentam a sua decisão de abortar.

De acordo com López-Gómez (2015), existe uma relação direta entre a origem da gravidez, as condições (sociais, legais, subjetivas e econômicas) para a tomada de decisão, o acesso aos procedimentos abortivos e os sentimentos pós-eventos. Reconhece-se que o desespero da mulher grávida — por vezes sem um parceiro estável — configura-se como um divisor de águas para iniciar, com o nascimento, algo novo em sua vida. Estabelece-se uma diferenciação entre o destino determinado pela cultura (ser mãe solteira) e o destino natural de seu organismo (ser mãe) (ARENDET apud HABERMAS, 2010), o que pode levar à rejeição social, pelos pais e familiares. Isto remete ao sofrimento, aos conflitos traumáticos de relacionamento, à incompreensão e às punições, podendo a mulher sentir-se profundamente só na experiência difícil e desconhecida da gravidez.

A partir do estudo de Habermas (2010), foi possível verificar a vivência de uma situação de gravidez indesejada ou não planejada por grande parte das mulheres — cerca de 40% das entrevistadas admitiram não querer engravidar e 22% declararam que gostariam de ter esperado mais um pouco para engravidar. Dessa forma, foi nessa mudança abrupta da história de vida dessas mulheres, no momento da descoberta da gestação, que a continuação de si mesmas possibilitou vincular a diferença entre o que eram e o que ocorreu na sua existência corporal enquanto seres sociais e constructos de sua história.

Outro dado levantado, diz respeito ao perfil sociodemográfico dessas mulheres. Fatores relevantes podem se relacionar à tomada de decisão pela prática abortiva entre mulheres de diferentes classes sociais, níveis econômicos, culturais e faixas etárias. Geralmente, mulheres que não têm companheiro ou aquelas sem apoio familiar estão mais propensas a realizar o aborto, se comparadas àquelas que têm estas condições (LÓPEZ-GÓMEZ, 2015).

Sendo assim, a proibição legal do aborto no Brasil, não impede a realização dele. A criminalização acarreta, contudo, só em um processo de abortamento feito em péssimas condições, essencialmente por quem não tem condições de pagar por um procedimento seguro. Esse problema coloca em risco a vida, que pode resultar na morte de milhares de mulheres pobres, negras e jovens, muitas das quais ainda se veem ameaçadas pela denúncia e punição judicial (SANTOS *et al.*, 2013).

O aborto sempre existiu desde aqueles feitos com agulhas de tricôs pelas mulheres de outras épocas, e sempre existirá! Nos procedimentos conduzidos em casa, sem um mínimo de cuidado, por mulheres pobres, ou em clínicas particulares por aquelas que têm condições financeiras. O aborto é uma questão de saúde pública, e como tal, o debate não deveria ser esse, ele precisa ser em torno de políticas governamentais para evitar a gravidez, como o acesso rápido e facilitado para as mulheres que optarem para a Laqueadura, e o acesso seguro e descriminalizado para as que optarem pelo aborto.

A gravidez não planejada das universitárias, gera a evasão nos cursos diversos cursos, mediante aos índices, o MEC/SESU (1997) por meio da comissão especial de estudos sobre a evasão nas universidades públicas brasileiras, classifica a evasão no ensino superior em três tipos:

- evasão de curso, quando o estudante se desliga do curso de origem sem concluí-lo (transferência interna ou aprovação no vestibular para outro curso na mesma instituição);

- evasão de instituição, quando ele abandona a IES na qual está matriculado (transferência externa ou aprovação no vestibular para curso em outra instituição);
- evasão de sistema quando o aluno se ausentar permanente ou temporariamente da academia (desistência).

Muito se fala da evasão escolar durante a educação básica, principalmente no que se refere àquelas causadas pela gravidez na adolescência. Por outro lado, a evasão no ensino superior, ainda é um tema pouco discutido na literatura, mas não é por falta de dados.

No Brasil, são raras as IES que possuem uma assistência institucional profissionalizada de combate à evasão, esta pode ser um reflexo da falta de uma política de permanência do aluno no curso e irá continuar enquanto as instituições não se preocuparem em combatê-la (VELOSO E ALMEIDA, 2001; SILVA FILHO *et al.*, 2007). A evasão está ligada a diversos fatores, comumente classificados em internos e externos, Tabak (2002, p. 155) destaca as maiores causas da evasão mais analisadas na literatura, dentre elas se destacam os;

Problemas pessoais, nascimento de filhos / dedicação ao casamento – a evasão universitária do sexo feminino muitas vezes está relacionada ao casamento não planejado, à gravidez ou ao nascimento de filhos. Este fato é mais comum entre aqueles que possuem menos condições financeiras.

À vista disso, podemos analisar que as motivações que levam as mulheres a evasão Universitária, está quase sempre ligada às relações de cuidados a terceiros;

A mulher mesmo assumindo o desafio de ser provedora do lar, ainda traz consigo resquícios de toda essa cultura machista onde foi e é criada, pois, ainda que independente, na grande maioria das vezes, não abre mão da obrigação de ser mãe e vivenciar a maternidade, em muitos casos não como uma obrigação e sim como a realização de um sonho, mas em outras situações acontece ainda por enfrentar a imposição da sociedade, que até aceita parcialmente sua independência profissional e financeira, desde de que não se abdique a maternidade (SALGADO, 2019, p. 312).

Esse dado revela que embora avancemos nas relações de gêneros, as mulheres com frequência têm que abdicar dos seus sonhos brevemente, ou permanente para o “bem” da família.

Nas evasões relacionadas a gravidez e ao nascimento dos filhos, a Instituição de ensino e a comunidade acadêmica exercem papéis decisivos na vida da Mãe Academia. A pesquisa realizada pelos autores (FAR, *et al.*, 2019), traz o questionamento a essas mães,

sobre quais as maiores dificuldades enfrentadas durante a gravidez e/ou depois dela, associada ao ensino superior. As respostas das discentes revelam que durante a gestação fatores como a falta de transporte apropriado assim como também problemas relacionados ao cansaço causado pela gravidez, bem como a falta de banheiros limpos na universidade tem contribuído para a permanência nas universidades.

As reclamações eram principalmente pelas condições de higiene da universidade a discente relata que “às vezes eu entrava e não conseguia fazer xixi devido à péssima higiene, ficava tonta e enjoada devido ao mau cheiro, tinha medo de desmaiar lá e ninguém perceber” (RELATO 3 ESTUDANTE) Desse modo, essa grávida não se sentia bem na universidade, o que influem inclusive no seu rendimento acadêmico, gerando a evasão ou atraso no decorrer do ano acadêmico.

Na pesquisa, Far *et al.* (2019), segue com a pergunta que mais nos cabe destaque, que é se as discentes já pensaram/consideraram interromper o curso pela gravidez, e se sim, quais os motivos (família, distância, recurso, auxílio etc). Os dados das discentes altamirense revelaram que todas já tinham o pensamento de desistência, motivadas cada uma por suas especificidades, assim como motivos coletivos. O destaque é para a narrativa da aluna que revelou que "não desistiu porque os seus professores souberam entender e teve apoio dos amigos, que sempre a deixaram a par dos afazeres acadêmicos"(RELATO 4 ESTUDANTE) (FAR *et al.*, 2019). Depoimento como o dessas discentes mostra-se fundamental na vida dessas mulheres uma rede de apoio, além do familiar, na sala de aula, pois serve de incentivo para permanência no curso mesmo diante das barreiras encontradas no caminho dessas mulheres.

Carregar um bebê no ventre enquanto cumpre as demandas acadêmicas não é uma tarefa fácil, mas quando esse bebê nasce, a situação não melhora, segundo pesquisa realizada em 2011 pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), as mulheres representam 57,5% do corpo discente nas instituições de ensino superior federais, sendo também identificada a maior taxa de evasão entre elas, e que 68% dos trancamentos de matrícula decorrem da licença maternidade (ANDIFES, 2011). Esses dados refletem a dura realidade das mães universitárias, tendo que continuar a produzir, mesmo diante do pós, parto, com um recém-nascido e diante de todas as fases que o corpo e a mente de uma mulher vive ao parir.

É cruel para essas mulheres ter que entregar trabalhos da faculdade enquanto está no quarto de um hospital se recuperando de uma cesariana, assim como fazer isso enquanto está

travando uma batalha psicológica de ter que lidar com uma situação em que não se queria estar, de ter que se recuperar de uma cirurgia, amamentar enquanto os mamilos sangram e com isso procurar referencial teórico para embasar trabalhos para não se atrasar nas disciplinas.

Quando a licença maternidade acaba e as mães precisam regressar às aulas presenciais, surge uma nova demanda para aquelas que não possuem uma rede de apoio para deixar seu filho enquanto estuda. Nesse viés, das dez ações previstas no PNAES em seu art. 3º que deveriam ser implantadas para atenuar a evasão do estudante no ensino superior, está o Auxílio Creche, como mecanismo de suporte ao estudante universitário, o que pode viabilizar, a possibilidade de permanecer estudando, sem se evadir por não ter com quem deixar seu filho, entretanto, passados oito anos da sua implantação, as ações do PNAES ainda não conseguiram conter a evasão, considerando que as demandas do contingente de estudantes são maiores do que a verba disponibilizada para esse fim. Reafirmo, portanto, a importância das creches como meio de permanência das mães nas universidades, situação defendida por Raupp (2002), quando afirma que a implantação de creches universitárias poderia melhorar a qualidade de vida dessas mães-estudantes.

É notório que conciliar a maternidade com a vida acadêmica não é uma tarefa fácil, as transformações físicas e psicológicas durante a gravidez e as demandas com os cuidados com o bebê fazem com que algumas mães optam por desistir do curso, ou se veem na necessidade de o fazer, principalmente por falta de uma rede de apoio. A partir desse entendimento, questionei aos participantes da pesquisa se em algum momento durante o percurso acadêmico ela havia considerado desistir do curso devido a suas múltiplas jornadas. Como resultados obtidos das 27 participantes, 24 disseram que já consideraram desistir do curso e uma já trancou o período por um tempo. MA23, Educação do Campo (2023) diz: *“penso em desistir todas as horas. Conciliar casa, trabalho, filhos e marido torna-se difícil, cansativo, estressante, enfim! Mas, o que motiva e que já estou terminando.”* Outrossim, o apoio dos colegas e professores é primordial para a permanência da mãe acadêmica, ao contrário, é mais um motivo para desencorajá-la, como relata MA22, Geografia (2023), sobre os sentimentos e desafios a serem enfrentados cotidianamente:

Pelo preconceito de colegas, professores e demais. Que ao momento oportuno, lançam frases, palavras desmotivadoras, das quais, a mãe, universitária e trabalhadora desmotiva-se de uma dessas funções, quando não todas. Viver a academia significa que somos mais do que um número de matrícula no sistema, viver na academia e ter ciência de que somos

humanos e nossa vida perpassa por outras vivências, outras realidades que não são somente os muros da universidade.

Em concordância, com o relato acima, MA2, Ciências Biológicas (2023), afirma que *“uma experiência que tive e tenho na faculdade é o ‘desprezo’ de alguns colegas quando há trabalho em grupo, pelo fato de muitas das vezes ter que faltar nas aulas pelo motivo do filho está doente.”* Essa forma de tratamento que essas duas mães relatam, se torna ainda mais problemática quando a análise se pauta no convívio de uma universidade pública federal, questiono para além das questões de carácter e empatia, é questão de PERTENCIMENTO! Se a Mãe Acadêmica conseguiu se inserir no ensino superior, ela tem tanto direito quanto o colega de permanecer no mesmo espaço que ele sem piadas que lhe fazem questionar se aquele realmente é o seu lugar.

As Mães Acadêmicas merecem o mesmo respeito e tratamento justo que qualquer outro aluno na sala de aula. A maternidade não deve ser motivo para tratar uma discente diferentemente ou injusta. Qualquer tratamento discriminatório com base na maternidade é ilegal e pode ser considerado assédio. Tratá-las de forma diferente com base na maternidade afeta sua autoestima, bem-estar emocional e desempenho acadêmico, como observado na resposta da participante. Em vez disso, é vital que os professores sejam sensíveis às necessidades das alunas que são mães, oferecendo suporte, recursos e flexibilidade, sempre que possível. Isso pode ajudá-las a equilibrar suas responsabilidades de maternidade e acadêmicas, e ter sucesso em seus estudos.

No geral, esse pensamento de desistir se dá por não conseguir se dedicar gratificadamente aos estudos, mas o sentimento que une essas mães acadêmicas é o sentimento de força e resiliência, a MA9, Ciências Biológicas (2023) fala que considera desistir, *“porém sei que se desistir será mais difícil o caminho.”*

Para complementar as discussões, foi questionado as discentes qual o significado de ser universitária, mãe e trabalhadora e como elas se sentiam ao viver essas múltiplas jornadas. Os resultados demonstram que algumas mulheres observam a sua situação de maneira mais resiliente e outras de maneira menos *“sonhadora”*. Ser resiliente significa poder lidar com adversidades, superar desafios e se adaptar a mudanças positivamente. Uma pessoa resiliente consegue lidar com situações difíceis e estressantes sem se desmoralizar ou perder a esperança, e consegue encontrar maneiras de lidar com essas situações construtivamente.

A resiliência é uma combinação de características pessoais, como a capacidade de ser flexível e se adaptar, de ter um senso de propósito e de se manter otimista mesmo diante de

desafios, e de fatores externos, como o apoio social e as condições econômicas e culturais onde a pessoa vive. Ser resiliente não significa ser invulnerável ou nunca sentir emoções negativas, mas sim conseguir lidar com essas emoções e superá-las, aprendendo com as experiências difíceis e crescendo como pessoa. Dito isto, podemos inferir que a maneira que essas mulheres enxergam as suas múltiplas jornadas é reflexo dos contextos em que elas estão inseridas. Para a MA27, Pedagogia (2023), manifesta que às múltiplas jornadas:

Se resume a uma palavra: luta! Não é fácil, ver que tudo é mais complicado para você e fica tudo mais difícil sem rede de apoio. Tem dias que sinto vontade de “jogar a toalha”, mas vou levando mesmo assim. Não romantizo essa situação, as pessoas dizem que sou forte, sou guerreira, que isso me fortalecerá, eu não digo nada para não ser grossa, mas sou apenas uma mãe sobrecarregada, e não, não queria me fortalecer, eu só queria um pouco de ajuda, mas sei que ninguém tem essa obrigação.

De forma geral, muitas das participantes relatam cansaço físico, mental e muitas vezes se sentem incompetentes diante dos desafios postos por essas jornadas, corroborando com o relato de MA27, Pedagogia (2023). Esses sentimentos ficam esquecidos ao pensar nas perspectivas para o futuro, no sentido de ter uma instabilidade financeira, uma carreira profissional e também acadêmica, esses planos são sempre almejando proporcionar um futuro melhor para elas e seus filhos, é isso que as mantém firmes nessa jornada.

Elas se descrevem como sendo mulheres guerreiras, fortes, capazes, e se sentem vencedoras por permanecerem no curso e são gratas por dar conta. Se denominam “Mulher Maravilha”, persistente, com autoestima para enfrentar tudo o que pode vir querer deixá-la para baixo ou diminuí-la. As Mães Acadêmicas sentem orgulho de estarem na universidade, e observar a sua história como um dia sendo exemplo para o seu filho, que muitas desejam que sigam o mesmo caminho.

Em suma, quero evidenciar a narrativa, dessa mãe, pois apesar de cada uma das participantes viverem realidades distintas, ou semelhantes em partes, ao analisar as respostas de cada uma ao questionário a imagem que essas mães transmitem e como elas se enxergam é exatamente esse:

Percebo que as pessoas ao meu redor, colegas, pesquisadores, estudantes, professores visualizam uma vida acadêmica interrompida devido à maternidade. E não vejo assim, só não temos o mesmo ritmo ou dedicação exclusiva com anterior a maternidade. Somos além de estudantes, mães, profissionais, pesquisadoras que organizam sua agenda para dar conta de tudo, mesmo que às vezes não tenha uma rede de apoio ou não se sintam

acolhida pelo ambiente de trabalho e a universidade (MA22, GEOGRAFIA, 2023)

A reflexão que essa participante traz é sobre persistência. As Mães Acadêmicas que persistem nos estudos apesar das múltiplas jornadas são exemplos de força, coragem e resiliência. Precisamos enfrentar uma série de desafios, como equilibrar as responsabilidades de cuidar de seus filhos, administrar sua casa e ainda dedicar tempo e energia para estudar. Muitas vezes precisamos lidar com dificuldades financeiras, falta de suporte de outras pessoas em nossas vidas, e até mesmo o preconceito ou estigma que pode vir com o fato de ser uma Mãe Acadêmica.

No entanto, somos mulheres motivadas a continuar os estudos por uma variedade de razões, incluindo o desejo de fornecer um futuro melhor para nossos filhos, buscar uma carreira que nos dê satisfação e realização, ou simplesmente por amor ao aprendizado e à aquisição de novos conhecimentos. Somos verdadeiros exemplos de perseverança e inspiração, mostrando ser possível superar obstáculos e alcançar objetivos, mesmo quando a vida parece desafiadora, que ficamos muito mal. E que o compromisso com a educação e a busca de nossos sonhos pode ser uma jornada difícil, mas vale a pena todo o esforço.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste trabalho apresentam uma reflexão sobre os resultados obtidos e o alcance dos objetivos propostos. Ao longo deste estudo, foi possível analisar de forma detalhada a realidade das Mães Acadêmicas no Campus Universitário de Altamira, problematizado a questão do perfil acadêmico, questões socioeconômica, psicológicas, apoio familiar e o atendimento institucional recebido durante a gravidez até ao nascimento dos filhos.

Durante a elaboração do projeto de pesquisa deste trabalho foi levantada a hipótese, que a falta de uma rede de apoio familiar e institucional complica a realização dessas múltiplas jornadas por essas mães, sendo comprovada a partir do levantamento dos dados e da sua análise, constatou-se isso após analisar os fatores que dificultam a conciliação da jornada dupla vivenciada pelas Mães Acadêmicas. No que concerne a essas dificuldades identifiquei que as mães com maiores desafios são principalmente aquelas que não dispõem de uma rede de apoio familiar e Institucional. É extrema importância ressaltar que é na falta da família que a Universidade se faz mais importante é aí está sua falha, apesar das políticas públicas

assistenciais direcionadas diretamente a esse público e de forma indireta.

Para além do apoio financeiro, a maior lacuna por parte da UFPA, Campus Altamira se dá pela falta de estrutura básica para atender as necessidades das crianças, levadas para dentro da sala de aula. Esse abandono por parte da instituição foi comprovado pelas respostas e pela ausência delas, pelos gestores do Campus, especialmente quando estamos falando de uma gestão dita democrática. Essa ausência de respostas às demandas dos discentes passa uma imagem de desinteresse e desvalorização da participação dos estudantes na gestão escolar, o que pode prejudicar a construção de uma cultura de participação e engajamento da comunidade acadêmica. Portanto, é fundamental que os gestores estejam abertos e disponíveis para ouvir e responder às demandas dos alunos, confiantes para a promoção de uma gestão mais democrática e participativa. Assim, é dever dos gestores ouvir as demandas dos alunos e responder às suas indagações, seja por meio de pesquisas, seja por meio de diálogos diretos ou de outras formas de participação.

Vale ressaltar que a gestão democrática não se trata apenas de ouvir e responder às demandas dos alunos, mas também de promover a participação ativa de todos os segmentos da comunidade acadêmica na construção e implementação das políticas educacionais, visando garantir uma educação de qualidade e equitativa para todos. Os discentes são um dos principais atores envolvidos no processo educativo e suas demandas, sugestões e críticas são importantes para a construção de uma universidade mais justa, democrática e inclusiva.

Os achados da pesquisa também revelaram que as Mães Acadêmicas que não têm uma rede de apoio familiar e possuem uma situação financeira menos abastada enfrentam mais dificuldades, são elas que majoritariamente recebem até um salário mínimo, ou não exercem função remunerada e residem em bairros periféricos. Assim, além das adversidades que elas enfrentam na sala de aula com a criança, ainda tem o trajeto de vir dos bairros periféricos até a região central onde está localizado o Campus.

De maneira mais objetiva, essa pesquisa evidenciou que:

- 1) os fatores que dificultam a conciliação entre universidade e maternidade para essas mulheres são: a jornada múltipla, a condição econômica, a vulnerabilidade emocional, a condição social, a estrutura familiar de pouco abertura ao diálogo, a responsabilidade exclusiva pela criança, a demanda dos trabalhos pedagógicos, a inflexibilidade dos prazos;
- 2) os desafios são: da mãe (plano pessoal e institucional): garantir um espaço seguro para as crianças, superar a ausência do pai, realizar os trabalhos em

tempo hábil, conseguir um emprego, superar o sentimento de culpa, responsabilizar judicialmente os pais, acionar a ouvidoria da universidade, cumprir os requisitos exigíveis para o exercício domiciliar.

Neste entendimento, essa autora sugere que o Campus Universitário de Altamira, deve realizar pesquisas acerca do tema, demandar a criação de projetos voltados para a temática, apresentar nas representações docentes as demandas pedagógicas (quais são os melhores tipos de trabalho, tempo, etc.), levantar temáticas na universidade que abordem a vulnerabilidade afetiva, fomentar e participar de campanhas sobre sexo, drogas, gravidez e planejamento familiar na universidade, tais como: a criação de grupos e coletivos que representem as mães universitárias, buscando ouvir suas demandas e garantir que as políticas públicas e medidas atendam às suas necessidades.

Para visar a sensibilização ao preconceito e estigmas vivenciados pelas Mães Acadêmicas, a universidade pode oferecer programas de sensibilização e treinamento para alunos e funcionários, visando aumentar a conscientização sobre as diversas formas de preconceito e prevenção e incentivar a empatia e a tolerância. Esses programas também podem ajudar a promover uma cultura de respeito e inclusão na universidade.

No que se refere ao regime de exercício domiciliares, se ele é feito de forma “doméstica” para facilitar o acesso das mães a essas políticas, mas como consequências entregam um trabalho descabido às mães universitárias, a reivindicação a ser feita, é que ele seja materializado tal qual as normativas vigentes, que exija tudo o que for preciso das mães, que se faça os trâmites legais, mas que seja ofertado para elas, o melhor atendimento, assim como também impor a legislação.

O Ensino Remoto foi fruto da pandemia, algo catastrófico; todavia, como seres evolutivos que somos, não podemos deixar de frisar que a inserção do modelo de ensino remoto abriu portas para outras metodologias de ensino em ambientes que até então não utilizavam tanto os recursos tecnológicos. Com isso, proponho que o modelo adotado no Regime de Exercícios domiciliares se fundamente no modelo do Ensino à distância, algo como foi aplicado durante a Pandemia de covid 19. Com metodologia, didática e planejamento é possível obter bons resultados.

O ensino à distância pode ser uma ótima opção, por permitir que a Mãe Acadêmica assista às aulas à distância, de casa, sem ter que se deslocar para o campus universitário. Algumas estratégias que podem ser utilizadas no ensino à distância incluem as aulas online, a universidade pode oferecer aulas online ao vivo, com transmissão em tempo real pela internet.

Isso permite que a Mãe Acadêmica assista às aulas no conforto de sua casa, sem ter que se preocupar com o deslocamento até o campus universitário. Além disso, as aulas online podem ser gravadas e disponibilizadas para a aluna poder assisti-las posteriormente, caso não possa estar presente no horário programado, ou surgir alguma dúvida. Ainda nesse sentido a universidade pode disponibilizar materiais de estudo digitais, como livros eletrônicos, apresentações em PowerPoint e vídeos explicativos, para a mulher poder se aprofundar no conteúdo das disciplinas.

Existem diversas ferramentas e plataformas que podem ser utilizadas para oferecer aulas online, videoconferências e materiais de estudo, tais como: plataformas de aprendizagem online - as universidades podem usar plataformas de aprendizagem online como o Moodle, Blackboard, Canvas, entre outras, para oferecer aulas virtuais. Essas plataformas permitem que a mulher em licença maternidade acesse materiais de estudo, participe de fóruns de discussão, faça exercícios e teste seu conhecimento. O ambiente virtual de aprendizagem também permite que os professores acompanhem o progresso dos alunos e deem feedback individualizado.

Considerando os resultados obtidos nesta pesquisa é possível afirmar que a temática abordada na pesquisa é relevante, merecendo uma maior atenção e aprofundamento por parte dos pesquisadores. Dessa forma, recomenda-se que novos estudos sejam realizados para investigar aspectos ainda não explorados no presente trabalho, tais como: a percepção dos professores em relação ao tema, as questões raciais, entre outros aspectos que ainda não foram explorados de forma mais aprofundada. Além disso, sugere-se que pesquisas futuras adotem metodologias mais amplas e diversificadas, envolvendo diferentes técnicas e instrumentos de coleta de dados, contribuindo para a formulação de políticas mais efetivas para o acolhimento e apoio às Mães Acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arthur Guerra de et al. Use of alcohol and other drugs among Brazilian college students: effects of gender and age. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 34, p. 294-305, 2012.

Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. Proposta de Plano Nacional de Assistência Estudantil - PNAES: relatório final. Brasília: ANDIFES, 2011. Disponível

em:http://www.andifes.org.br/wpcontent/uploads/2012/01/relatorio_preliminar_pnaes.pdf .

Acesso em: 24 fev. 2023.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, p. 125-156, 2009.

BENSON, Janel E. Make new friends but keep the old: peers and the transition to college. **Advances in Life Course Research**, v. 12, p. 309-334, 2007.

BITENCOURT, Silvana Maria et al. **Candidatas à ciência: a compreensão da maternidade na fase do doutorado**. 2012.

BITENCOURT, Silvana Maria. A maternidade para um cuidado de si: desafios para a construção da equidade de gênero. **Estudos de Sociologia**, v. 24, n. 47, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. 2009. **Aborto e saúde pública no Brasil: 20 anos**. Brasília: Ministério da Saúde.

BRITO, Quécia Hosana Fatel et al. Maternidade, paternidade e vida acadêmica: impactos e percepções de mães e pais estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, 2021.

Conferências Mundiais da Mulher – ONU Mulheres.” **ONU Mulheres**, <http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>. Accessed 24 January 2022.

CORTELLA, Mario Sergio. **Só morre quem é esquecido**. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bbMJxqCZAZM> (2022). Acesso em:

DE ALMEIDA, Elenara Chaves Edler; GUIMARÃES, Jorge Almeida; ALVES, Isabel Teresa Gama. Dez anos do Portal de Periódicos da Capes: histórico, evolução e utilização. **Revista brasileira de pós-graduação**, v. 7, n. 13, 2010.

FAR, Aline Mendonça Dos Santos De et al.. **As dificuldades enfrentadas pelas jovens grávidas e/ou mães no ensino superior em Parnaíba-pi..** Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em:

<<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/59211>>. Acesso em: 14/02/2023 11:44

FONTE, Vinícius Rodrigues Fernandes da et al. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. **Escola Anna Nery**, v. 22, 2018.

GIL, Antônio Carlos Gil. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002. ISBN 85-224-3169-8.

GONÇALVES, Josiane Peres; DOS SANTOS TERNOVOE, Janaina. Desafios vivenciados por mulheres universitárias de Mato Grosso do Sul, que são mães, profissionais e donas de casa. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 116-142, 2017.

HABERMAS, J. 2010. **O futuro da natureza humana**. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010: Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

Disponível

em:https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf
. Acesso em: 24 fev. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html> . Acesso em: 24 fev. 2023.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Enciclopédia de Educação a Distância, vol. 3: Gestão e Políticas em Educação a Distância. Brasília: INEP, 2020.

KOHL-SANTOS, Pricila; MOROSINI, Marília Costa. O revisitar da metodologia do Estado do Conhecimento para além de uma Revisão Bibliográfica. **Revista Panorâmica online**, v. 33, 2021.

LANGER, Ana. El embarazo no deseado: impacto sobre la salud y la sociedad en América Latina y el Caribe. **Revista panamericana de salud pública**, v. 11, n. 3, p. 192-205, 2002.

Lei nº.6.202, de 17 de abril de 1975. Atribui a estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 1969. Disponível em: . Acesso em: 8 Fevereiro, 2022.

LÓPEZ-GÓMEZ, A. Mujeres y aborto. El papel de las condiciones legales y sociales en las trayectorias y experiencias subjetivas de las mujeres frente al aborto inducido. **Ramos S, compiladora. Investigación sobre aborto en América Latina y el Caribe. Una agenda renovada para informar política pública e incidencia. Buenos Aires: Centro de Estudios de Estado y Sociedad/Population Council/Consortio Latinoamericano contra el Aborto Inseguro**, p. 19-40, 2015.

MARTINS, Luciana Bobato. **Gênero e acesso ao ensino superior: mulheres estudantes das camadas populares na USP**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019. doi:10.11606/D.59.2019.tde-13082019-101025. Acesso em: 2022-07-20.

MEC/SESU. Comissão Especial de Estudos sobre a Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras. Brasília: ANDIFES/ABRUEM/SESU/MEC. 1997.

MESQUITA et al. **“Quem pariu Mateus que balance”**: a reprodução do patriarcado e a **solidão das mulheres/mães universitárias no cuidado com os/as filhos/as**. In: 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2019. Recuperado em 02.11.2021 de <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/722>.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

NASIO, J.-D. **O olhar em psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1995.

PINHEIRO, Ellana Barros. O Caráter das Políticas de Assistência Estudantil nas Universidades Públicas. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**, v. 1, n. 2, p. 1-16, 2016.

PONTES, Vívian Volkmer et al. Transição para a maternidade na trajetória acadêmica: estratégias de reparação dinâmica do self e de resistência no campo social de jovens universitárias. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 39, 2022.

PRIETSCH, Silvio Omar Macedo et al. Gravidez não planejada no extremo Sul do Brasil: prevalência e fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, p. 1906-1916, 2011.

RAUPP, Marilena Dandolini. Creches nas universidades federais: questões, dilemas e perspectivas. **Educação & Sociedade**, v. 25, p. 197-217, 2004.

RAUPP, Marilene Dandolini et al. A educação infantil nas universidades federais: questões, dilemas e perspectivas. 2002.

SALGADO, Daiane Guimarães. QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES COM TRIPLA JORNADA: MÃES, ESTUDANTES E PROFISSIONAIS. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 4, n. 8, p. 308-320, 2019.

SANTANA, Dinameres Fontes de. Discriminação da mulher e do Direito do Trabalho: da proteção à promoção da igualdade. **Conteúdo Jurídico, Brasília-DF**, v. 13, 2012.

SANTOS, Vanessa Cruz et al. Criminalização do aborto no Brasil e implicações à saúde pública. **Revista Bioética**, v. 21, p. 494-508, 2013.

SANTOS, Vanessa Cruz. Criminalização do aborto no Brasil e implicações à saúde pública. **Rev. Bioét.**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 494-508, Dec. 2013. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/bioet/v21n3/a14v21n3.pdf>> Acesso em: 17 de Dez. de 2022.

SCHIEBINGER, L. O feminismo mudou a ciência? Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA FILHO, Roberto Leal Lobo et al. A evasão no ensino superior brasileiro. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 641-659, 2007.

SILVA, Carla Andréa. Mães e universitárias. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, p. 84-96, 2021.

SILVA, Geane et al. Expectativas e desafios de mulheres acadêmicas de enfermagem que engravidaram durante a graduação. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 11, n. 1, p. 145-155, 2013.

SILVA, Maria Clara Ramos da Fonseca; GUEDES, Cristiano. Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública. **Revista Katálysis**, v. 23, p. 470-479, 2020.

SPINDOLA, Thelma et al. Práticas sexuais, uso do preservativo e testagem para o HIV entre graduandos de enfermagem. **Rev. enferm. UFSM**, p. 1-13, 2017.

SUPERINTENDÊNCIA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL. (15 de setembro de 2022). Acesso em 23 de fevereiro de 2023, disponível em saest: <https://www.saest.ufpa.br/portal/>

TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino**. Editora Garamond, 2002

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicologia escolar e educacional**, v. 12, p. 185-202, 2008.

VELOSO, Tereza Christina MA; DE ALMEIDA, Edson Pacheco. Evasão nos cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, campus universitário de Cuiabá–um

processo de exclusão. **Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, 2002.

VIEIRA, Ailane Costa et al. **Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática**. 2018.

VIEIRA, Pricila Lysik; DE MOURA CASTRO, Regina Celi Alvarenga. Permanência e êxito acadêmico: contribuição da política de assistência estudantil na UFPA, Campus de Altamira. **Revista Exitus**, v. 9, n. 3, p. 87-115, 2019.

WERMELINGER, Mônica; MACHADO, Maria Helena.; TAVARES, Maria de Fátima Lobato.; OLIVEIRA, Eliane dos Santos; MOISÉS, Neusa Maria Nogueira. A Força de Trabalho do Setor de Saúde no Brasil: Focalizando a Feminização. **Revista Divulgação em Saúde para Debate**, v.45, 54- 70,2010.
<http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/A%20Forca%20de%20Trabalho%20do%20Setor%20de%20Saude%20no%20Brasil%20.pdf>